



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE GEOGRAFIA**

**A POTÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL
PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS
ANOS INICIAIS.**

GABRIELLE LUANA ROSINSKI

FLORIANOPOLIS, 2021.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE GEOGRAFIA**

GABRIELLE LUANA ROSINSKI

**A potência da literatura infantil para o ensino de Geografia nos
anos iniciais.**

FLORIANÓPOLIS – SC

2021

GABRIELLE LUANA ROSINSKI

**A potência da literatura infantil para o ensino de Geografia nos
anos iniciais.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Geografia, do Centro de Ciências da
Educação FAED, como requisito para a
obtenção de título de Licenciado em
Geografia.

Orientadora: Prof.a Dra. Rosa Elisabete
Militz Wypoczynski Martins

FLORIANÓPOLIS - SC

2021

GABRIELLE LUANA ROSINSKI

A potência da literatura infantil para o ensino de Geografia nos anos iniciais.

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para obtenção do grau de licenciado em geografia, no Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da EDUCAÇÃO / FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Banca examinadora:

Orientadora:

.....
Prof.a Dra. Rosa Elisabete M. W. Martins
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

.....
Prof.a Dra. Denise Wildner Theves
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Membro:

.....
Prof. Dr. Ricardo Devides Oliveira
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS, 09/04/2021

Este trabalho é dedicado a meus pais, Ernando e Maria Salete, que doaram boa parte de suas vidas para poder me proporcionar a oportunidade de chegar aqui até aqui.

AGRADECIMENTOS

O caminho até aqui foi construído, marcado pela partilha, compreensão e ajuda de algumas pessoas, dedico a realização deste trabalho, como forma de agradecimento.

Meus pais, Ernando e Maria Salete, que desde sempre me incentivaram a estudar e fizeram o possível e o impossível para dar a mim o melhor. Com seus esforços eu tive oportunidades únicas, como está de estar me formando em uma instituição pública e de qualidade. Agradecer com um simples obrigada seria pouco perto de tudo que já me deram, a mulher que sou hoje vem da educação exemplar com base na justiça e no amor ao próximo que sempre tive, eu amo vocês imensamente.

Minhas irmãs, Laisa e Talita, que sempre foram para mim um espelho do que ser. Talita, obrigada por sempre me apoiar, me incentivar e por abrir as portas da sua casa para mim e me receber em Florianópolis com todo o amor do mundo. Por me mostrar o quanto é importante ser uma profissional dedicada ao seu trabalho e o quanto o serviço público pode mudar a sociedade. Laisa, obrigada por me mostrar como a educação é linda e aflorar em mim uma paixão por esta profissão de ser professora desde que eu era criança. O que sou hoje é um misto das influências de vocês, meus exemplos de mulheres.

Meu amigo e companheiro de vida Caique, obrigada por todo apoio e incentivo nos momentos mais delicados e felizes dessa graduação. A você que já enxugou muitas das minhas lágrimas em momentos de angústia e já comemorou muito ao meu lado, todo meu amor. Por todo o incentivo e reconhecimento do meu trabalho acadêmico, eu te agradeço, e muito. Para chegar aqui até me apoiei muitas vezes em suas palavras e em você e espero que ainda tenhamos muito tempo para juntos crescermos e realizarmos sonhos.

Ao meu novo amor, minha cachorra Bela, que chegou em minha vida durante a construção deste trabalho e foi minha companheira de escrita em muitos momentos.

As crianças da minha vida, que me inspiraram a escrita deste trabalho, meus agradecimentos por serem a felicidade da minha vida. Meus sobrinhos, Yasmim e Henrique. Meus cunhados João e Arthur. Que vocês cresçam e sejam seres

humanos ainda mais incríveis. Que nunca lhes falte a oportunidade de ter acesso a uma educação de qualidade.

Minha amiga Carolina, que foi uma grande companheira de caminhada acadêmica. Obrigada por ter entrado em minha vida em um dos momentos que eu mais precisava e ter me reanimado com a vida acadêmica. Ter você em minha vida é um presente, sei que sempre estarás para mim como eu sempre estarei aqui para você.

Cito ainda, grandes amigos que o caminho acadêmico me deu e que marcaram minha vida e sempre levarei comigo em lugar especial. Agatha, Amabili, Ioná, Bruna, Stefanie, Ciro, Letícia, Liz e Matheus obrigada por todas as trocas e construções neste caminho.

A professora Rosa Martins, que desde o começo da graduação me acolheu em seu laboratório, o LEPEGEO – Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação Geográfica, tenho a dizer que, a profissional que sou hoje, tem total influência e construção sua. Obrigada por todo o acolhimento e por todo o carinho que sempre recebi diretamente de você. As práticas, as conversas e as vivências que a mim foram proporcionadas, fazem com que minha graduação tenha sido a experiência mais fascinante que já vivenciei. Professora, você é para mim um exemplo de vida e profissional a ser seguido, muito obrigada por tudo.

Ao Professor Ricardo Devides, agradeço o aceite do convite para fazer parte de um momento tão importante de minha vida. Obrigada ainda por todos os conhecimentos compartilhados em sala de aula, por todas as conversas e incentivos, por ser um professor motivador para todos nós. A professora Denise Theves, agradeço o aceite para compor a banca deste trabalho e pela generosidade de compartilhar suas experiências e saberes.

A Universidade do Estado de Santa Catarina, o Centro de Ciências Humanas e da Educação – UDESC/FAED, o Departamento de Geografia e toda sua banca docente, pela oportunidade de ter uma formação em uma instituição pública e de qualidade.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar. “ Paulo Freire (2000)

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de um trabalho de conclusão de curso Geografia Licenciatura do Centro de Ciência Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC. Tem como foco uma discussão acerca da importância da educação geográfica nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista o papel da geografia na leitura do mundo, considerando o conceito de lugar como fundamental para desenvolver a noção de pertencimento das crianças. Tem como objetivo geral, analisar como a literatura infantil pode contribuir para que os/as estudantes dos anos iniciais compreendam conceitos geográficos como o de lugar. Também busca compreender qual o papel do ensino da geografia para a aprendizagem dos/das estudantes dos anos iniciais; elucidar o conceito de lugar como espaço vivido e construído pela criança; destacar as potencialidades da literatura infantil para a aprendizagem de diferentes conceitos geográficos nos anos iniciais. Por fim, propõem a organização de uma história infantil que contribua para a aprendizagem de conceitos geográficos como o de lugar. Os dados da pesquisa mostraram que a literatura infantil pode proporcionar novos olhares para conceitos geográficos e temas diversos, proporcionando uma aproximação com a linguagem infantil, potencializando assim, o ensino de geografia nos anos iniciais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia, Anos Iniciais, Literatura Infantil.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do livro “O menino que colecionava lugares”.....	42
Figura 2 - “O menino que colecionava lugares” guardando os lugares em sua lata de manteiga.....	43
Figura 3 - “O menino que colecionada lugares” se surpreendendo em não ter esquecido nada.....	44
Figura 4 - “Gente é lugar!”.....	45
Figura 5 - Imagem 5 - Capa “Abrapracabra!”.....	46
Figura 6 - A cabra e o urso polar.....	47
Figura 7 - A cabra e o urso polar chegando no deserto.....	47
Figura 8 - Cabra recebendo os amigos no Sertão Nordeste.....	48
Figura 9 - Cada animal precisando do seu lugar.....	49
Figura 10 - Por onde a cabra viajou?.....	50
Figura 11 – Capa do livro “A cidade dos Bichos”.....	51
Figura 12- Azul saindo da cidade.....	52
Figura 13 - Amanda, a formiga, contando como é a vida no formigueiro.....	53
Figura 14 - Dinheiro caindo de dentro da camisa do prefeito, Dr. Raposão.....	54
Figura 15 - Uma nova “Cidade dos Bichos”.....	55
Figura 16 - Capa do livro “Flávia e o Bolo de Chocolate.....	57
Figura 17 - Pessoas admirando Flávia.....	58
Figura 18 - Flávia queria ser igual a mãe.....	59
Figura 19 - Diversos tipos de pessoas.....	60
Figura 20 - Rita ensinando Flávia sobre as diferenças raciais.....	61
Figura 21 – Capa do livro “O lugar de Catarina”.....	66
Figura 22 – Catarina em seu quarto com o caderno azul ao lado.....	66
Figura 24 – Registros de Catarina sobre as brincadeiras na rua.....	68
Figura 25 – Registros da casa de dona Maria, vizinha de Catarina.....	69
Figura 26 – Grande figueira da praça do bairro de Catarina.....	69
Imagem 27 – O céu visto do quintal de Catarina.....	70
Imagem 28 – Catarina perdeu seu caderno e temia perder a memória dos lugares registrados.....	71
Imagem 29 – Catarina percebendo que podia revisitar os lugares que desenhava..	72

Imagem 30 – No fim, se conclui que para matar a saudade dos lugares, basta voltar até eles para reviver as experiências construídas.....73

LISTAS DE ABREVIATURAS

FAED – Centro de Ciências Humanas e da Educação

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

LEPEGEO – Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
METODOLOGIA	12
1- A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	17
1.1 TRAJETÓRIAS DA GEOGRAFIA NO BRASIL.....	17
1.2 A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: UMA ALFABETIZAÇÃO PARA LER O MUNDO.....	21
2- O LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA: COMPREENDENDO O ESPAÇO VIVIDO	26
<u>2.1</u> LUGAR: COMPREENDER O ESPAÇO PARA COMPREENDER ONDE SE VIVE.....	26
2.2 O CONCEITO DE LUGAR COMO GUIA NA GEOGRAFIA DOS ANOS INICIAIS.....	32
3- OS DIFERENTES CONTEXTOS DA IMAGINAÇÃO: LITERATURA INFANTIL E ENSINO DE GEOGRAFIA	36
3.1 LITERATURA INFANTIL: UMA REPRESENTAÇÃO DO REAL POR MEIO DA IMAGINAÇÃO.	41
3.2 POSSIBILIDADES DAS HISTÓRIAS INFANTIS E A GEOGRAFIA.....	41
4 “O LUGAR DE CATARINA”: UMA PROPOSIÇÃO DE LITERATURA INFANTIL VOLTADA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAS	63
4.1 TRAJETORIAS DA ESCRITA.....	63
4.2 O LUGAR DE CATARINA.....	65
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	74
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	82

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de conclusão do curso de Geografia Licenciatura, do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC. Se constitui em uma proposição de história de literatura infantil voltada para o ensino de geografia dos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista como uma possibilidade de atividades para o ensino de conceitos geográficos básicos, como o de lugar, que podem ser trabalhados com as crianças.

A literatura infantil tem um importante lugar na perspectiva pedagógica dos anos iniciais, além de um recurso utilizado para o desenvolvimento da linguagem oral. Ao contar uma história, cria-se um ambiente propício para o exercício da imaginação, por meio da narração da história, trazemos sons, ambientes e objetos que se aproximam da realidade infantil. Se aproximar da realidade das crianças, é também o principal objetivo do ensino de geografia nos anos iniciais, que busca pensar os conceitos geográficos através do espaço vivido pelo próprio sujeito.

Entre as inquietações que deram origem a este trabalho, considero importante problematizar em que medida a educação geográfica pode contribuir para desenvolver a noção de pertencimento das crianças, por meio da aprendizagem do conceito de lugar. Sendo assim, esta pesquisa toma como via a literatura infantil, e seu poder de potencializar a compreensão de conceitos geográficos, fazendo uma ponte entre a imaginação e o real.

Desde o início da graduação, tive contato com o Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia (LEPEGEO), passando por diversos caminhos trilhados como bolsista do PIBID, iniciação científica, projetos de extensão, e residência pedagógica, que contribuíram para a construção da minha docência. No decorrer desta trajetória, desenvolvi grande interesse pela área do ensino de geografia. Com as experiências vivenciadas a que mais me marcou foi o contato com a geografia dos anos iniciais do ensino fundamental. Em uma oficina, desenvolvida em uma escola pública de Florianópolis/SC, onde tive a oportunidade de trabalhar com a literatura infantil nos anos iniciais, foi possível perceber que ao propor a literatura como recurso na metodologia de ensino e aprendizagem, as crianças se envolveram e participaram das atividades propostas no ensino de geografia. A partir daí, surgiu a ideia de propor a organização de um material

didático, um livro de literatura infantil, que contribuísse para o entendimento do que é trabalhado no ensino de geografia com as crianças dos anos iniciais.

Como **problemática** desta pesquisa, propomos discutir de que maneira a literatura infantil pode contribuir para os/as estudantes dos anos iniciais a compreensão de conceitos geográficos como o de lugar? Acreditamos que a literatura infantil quando tratada como uma importante metodologia de ensino, pode contribuir para potencializar a compreensão dos conceitos e conteúdos do ensino de geografia dos anos iniciais, com destaque para entendimento de lugar.

Sendo assim, fica estabelecido como **objetivo geral**: analisar como a literatura infantil pode contribuir para que os/as estudantes dos anos iniciais compreendam conceitos geográficos como o de lugar. Os **objetivos específicos** são os seguintes: compreender qual o papel do ensino da geografia para a aprendizagem dos/das estudantes dos anos iniciais; elucidar o conceito de lugar como espaço vivido e construído pela criança; destacar as potencialidades da literatura infantil para a aprendizagem de diferentes conceitos geográficos nos anos iniciais. Por fim, propor a organização de uma história infantil que contribua para a aprendizagem de conceitos geográficos como o de lugar.

Quando falamos sobre o papel da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, discutimos a importância deste componente curricular na escolarização das crianças, tendo em vista que o processo de alfabetização precisa ir além do domínio da leitura e escrita. Acreditamos que, com o ensino desta ciência, podemos oportunizar que as crianças consigam ler nas entrelinhas, ou seja, compreender o que dizem as palavras, desenvolver a capacidade de analisar e não só assimilar informações. Neste sentido, ensino de geografia, nesta etapa da escolarização, pode proporcionar que os/as estudantes consigam fazer a leitura do mundo em que vivem e estão inseridos.

O conceito de lugar, que é um dos conceitos chaves da geografia, nos anos iniciais, tem a função de fazer a conexão com o vivido no cotidiano das crianças. Com isso, nesta etapa da educação básica, é essencial a compreensão do espaço, do mundo, e da vivência dos/das estudante. Sendo assim, tomar como ponto de partida para o ensino de lugar, a história de vida, pode contribuir para desenvolver a noção do espaço geográfico local, regional e global.

Acreditamos que o uso da literatura infantil como metodologia de ensino, pode ser uma ponte de diálogo entre o ensino de conceitos e o mundo infantil, o qual

estão inseridos os/as estudantes. Pode proporcionar as crianças a compreensão de que ele é uma parte ativa do processo de ensino e pode utilizar seu mundo imaginário para compreender o espaço geográfico o qual está inserido.

Esse estudo caracteriza-se como qualitativo, tendo como caminho metodológico a pesquisa bibliográfica e um viés propositivo, tendo em vista que seu resultado final será a proposição de um material de literatura infantil. A organização metodológica foi iniciada com construção do referencial teórico, a seleção das histórias infantis que abordam conceitos geográficos e, para finalizamos coma criação de uma história infantil autoral que aborda, por meio das narrativas das suas personagens, um diálogo sobre o conceito de lugar.

A construção do texto que mostra os caminhos da escrita nesta pesquisa, está organizado em quatro capítulos, dos quais apresento uma breve descrição. O primeiro capítulo irá trazer em dois subcapítulos a discussão referente à institucionalização da ciência geográfica no Brasil e sua importância para a constituição da geografia como conteúdo escolar bem como a importância do ensino de geografia dentro dos anos iniciais do ensino fundamental, reafirmando sua importância nesta fase de alfabetização. Em seguida, temos um capítulo que busca discutir o conceito de lugar no ensino de geografia, bem como, o conceito de lugar especificamente na fase de ensino dos anos iniciais. Em seguida, está pesquisa apresentara um capítulo que busca discutir sobre a literatura infantil como metodologia de ensino e traz propostas de literaturas infantis já existentes que trabalham o conceito de lugar. Por fim, um capítulo com a proposta de uma literatura infantil autoral, buscando assim cumprir um dos objetivos desta pesquisa.

METODOLOGIA

Tendo como propósito refletir sobre como a literatura infantil pode contribuir para que os/as estudantes dos anos iniciais compreendam conceitos como o de lugar, bem como, reafirmando a importância do ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, com destaque para o trabalho com a literatura infantil nesta fase de ensino, esta pesquisa, tem caráter qualitativo com a proposta da criação de uma história infantil. Sendo que para o seu desenvolvimento, inicia-se com o levantamento bibliográfico para analisar os conceitos fundantes da pesquisa. É dada sequência, com destaque para as histórias infantis que contribuem para a aprendizagem dos conceitos da geografia e a proposição de uma história infantil autoral voltada para o ensino e aprendizagem dos conceitos de lugar pelas crianças.

A pesquisa qualitativa, permite o estudo dos seres humanos e suas relações, que acontecem em diversos espaços, inclusive no espaço escolar. Segundo Godoy (1995), por meio da pesquisa qualitativa um fenômeno pode ser melhor compreendido, tendo em vista que, ao analisar certo fenômeno se analisa também o contexto do qual faz parte. Ainda de acordo com a autora, é importante que uma pesquisa qualitativa tenha uma perspectiva integrada, justificando assim os três capítulos inseridos neste trabalho que formam um forte embasamento teórico até chegarmos na parte propositiva.

A escolha de uma abordagem qualitativa neste trabalho, se dá considerando a flexibilidade que a pesquisa qualitativa permite. Possibilitando, segundo Godoy (1995), que a imaginação e a criatividade possam guiar o pesquisador a propor novos trabalhos, ou seja, a explorarem novos caminhos. Esta pesquisa, nasceu de uma ideia criativa de propor uma literatura infantil, sendo assim, é necessário que se escolha uma metodologia que permita expor esta ideia, ancorando-se em um referencial teórico sólido que justifica a ideia proposta.

A construção do referencial teórico procurou destacar a importância dos principais conceitos tratados na pesquisa, como o ensino de geografia nos anos iniciais, o lugar como espaço vivido e o uso da literatura infantil. Buscamos compreender como a geografia nos anos iniciais possibilita que os/as estudantes possam avançar além da leitura de palavras e a decodificação de símbolos, para a compreensão e leitura do mundo em que vivem. Dialogamos com autores como Callai (2005, 2010), Martins (2015), Lerner (2002), Mustafé (2019) e Theves (2018),

que problematizam e destacam o papel da geografia nesta fase de ensino. Evidenciam que por meio do ensino da geografia as crianças desenvolvem a capacidade de reflexão acerca do espaço geográfico, possibilitando a compreensão da realidade que estão inseridas.

Segundo autores como Callai (2003, 2009, 2013), Santos (1996), Nascimento (2012), Godoi (2019), Selbach (2010), Cavalcanti (2012, 2008), Tuan (1979), Boscolo (2018), Kaercher (2003), a aprendizagem do conceito de lugar, contribui para as crianças possam construir sua identidade e reconhecer seu pertencimento no mundo.

Para dar sequência a construção do referencial teórico, nos ancoramos em autores como Silva (2017), Cavalcanti (2009), Paulino (2012), Paim (2000), Beraldi (2010), Martins (2015), para discutir a literatura como um dispositivo metodológico que contribui para possibilitar a compreensão do que ocorre no mundo, no caso do ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Neste sentido, o trabalho em sala de aula, com a literatura infantil, por meio da linguagem narrada e pictórica, possibilita que a criança se identifique dentro da história e compreenda com maior facilidade os conceitos geográficos.

Outra parte da pesquisa foi o levantamento e análise de livros de literatura infantil já existentes que trazem direta ou indiretamente o conceito geográfico de lugar como espaço vivido. Será analisado nas obras, como elas apresentam o conceito de lugar, bem como de que maneira está narrativa pode contribuir na construção do conhecimento geográfico nos anos iniciais do ensino fundamental. Sabe-se que as histórias de literatura infantil, com sua linguagem voltada para a criança contribuem para a melhor compreensão de diversos aspectos da vida real, mas busca-se, ao analisar obras já existentes, compreender como estas obras em específico podem contribuir na compreensão do conceito de lugar.

Por fim, a pesquisa entra no seu caráter propositivo, com destaque para a organização de uma história de literatura infantil autoral, que tem como principal objetivo, apresentar uma linguagem escrita e pictórica com personagens e diálogos que possam contribuir para o ensino e aprendizagem do ensino de geografia e do conceito de lugar nos anos iniciais do ensino fundamental.

1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Considerando a educação geográfica com um caminho para a educação cidadã que oportuniza conhecimentos significativos para pensar as diferentes espacialidades em nossa sociedade, este capítulo busca em um primeiro momento analisar a relação entre a ciência geográfica e o ensino da geografia. Com foco na institucionalização desta ciência no Brasil, buscamos neste trabalho compreender como a ciência geográfica se constituiu e se estruturou em uma disciplina escolar.

Por fim, entramos em um dos focos centrais deste trabalho, discutir a importância do ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista a importância de que os conteúdos trabalhados em sala tenham ligação com os conhecimentos vinculados as vivências dos/das estudantes, fazendo com que, além de se construir saberes significativos, tenham a possibilidades de articular a leitura das palavras com a leitura do mundo.

1.1- TRAJETÓRIAS DA GEOGRAFIA NO BRASIL

A gênese da geografia no Brasil se pautou nos princípios teóricos da geografia francesa, onde Paul Vidal de La Blache foi um dos principais nomes, em seu primeiro formato como uma ciência a partir de 1930 (MARTINS, 2004). Na década de 30 é criada a Associação de Geógrafos do Brasil (AGB), ao mesmo tempo em que na Universidade de São Paulo se iniciava o curso de Geografia. Para a autora, estes foram alguns dos principais pontos que contribuíram para a organização dos geógrafos brasileiros que criaram espaços que fortaleceram discussões de importância nacional, com representantes de diversas regiões.

Outro ponto importante para a geografia no Brasil, de acordo com Andrade (1987) foi a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que, segundo o autor, mostrava que o governo de Getúlio Vargas apresentava a preocupação geopolítica, bem como, desejava ampliar seu conhecimento acerca da realidade do território nacional. Com a criação do órgão, foram ampliados os estudos e as estatísticas de dados e informações do País.

Para Andrade (1987), foi no ano de 1956, durante o XVII Congresso Internacional de Geografia, que teve como sede o Rio de Janeiro, que a geografia brasileira apresentou maturidade. “A realização deste congresso foi um grande

marco de desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil e do potencial do Geógrafo brasileiro para procurar e encontrar seus próprios caminhos.” (ANDRADE, 1987). A partir deste momento, se iniciou em nosso país, um estudo da realidade brasileira que utiliza métodos novos e específicos de geógrafos brasileiros que traziam como principal preocupação o social, se iniciando um afastamento da escola francesa de que até então éramos tão dependentes.

Outro marco histórico importante a ser destacado, não só para a história da geografia no Brasil, mas sim a história da geografia em nível global foi o fim segunda guerra mundial. Com seu fim, diversos países se preocuparam em ver o mundo de uma nova maneira. “Uma nova divisão social e territorial do trabalho é posta em ação, envolvendo uma introdução e difusão de novas culturas, industrialização, urbanização e outras relações espaciais.” (CORRÊA, 1991, p.17.) Os geógrafos, passaram a procurar novos meios e métodos para compreender tais mudanças, na geografia que hoje denominamos como “tradicional” já não encontravam mais respostas, nascendo assim, uma “nova geografia”.

A educação escolar teve um papel central na Revolução Industrial para qualificar a mão de obra do sistema capitalista. De acordo com Martins, a geografia passou a se inserir neste contexto tendo em vista sua potencialidade “para justificar a expansão de territórios e a construção de uma ideologia nacionalista” (2004, p.62). Na década de 1950, a geografia escolar aqui no Brasil, tinha um papel para criar uma identidade para os cidadãos, sendo ela desenvolvida “através do estudo dos mapas, do estudo do território, dos seus recursos nacionais, da sua população, de sua cultura e de seu sistema político.” (Martins, 2004, p.63).

A geografia tinha como base uma postura pragmática baseada no positivismo, que pautava suas análises e dava prioridade para procedimentos estatísticos e a observação empírica. Podemos destacar que, está geografia denominada de “geografia teórica” ou “geografia quantitativa”, tinha como objetivo principal sustentar o modelo social capitalista, já que estamos aqui falando de um período pós segunda guerra mundial. No Brasil, datamos o início da difusão desta geografia por volta de 1960-1970, época em que o território brasileiro ainda estava sob comenda de militares, que buscavam fundir a economia brasileira à economia mundial.

Mas, a perspectiva que encontrávamos no Brasil era de transformação social, o que estimulou questionamentos entre os geógrafos brasileiros que começaram a debater o papel da geografia como uma ciência informativa e baseada em dados

quantitativos. Com isso, foi criado um cenário de questionamento da “geografia quantitativa” . No Brasil, de acordo com Andrade, os geógrafos “se agrupam em torno do Boletim Paulista de Geografia, que em seu nº 54, de junho de 1977, publicou uma série de artigos apresentando novos caminhos para o pensamento geográfico brasileiro, criticando frontalmente a experiência quantitativista brasileira” (ANDRADE , 1987 pg.110)

Neste primeiro “modelo” geográfico, a educação geográfica cumpria um papel de difusor de princípios, tentando sempre justificar a expansão de territórios e construir uma ideologia nacionalista. Mas, de acordo com Martins, todas as ciências em geral estavam passando por um questionamento. Nas escolas brasileiras, encontrávamos uma crise de princípios, que trouxe à tona uma grande discussão acerca de “questões epistemológicas e metodológicas da educação que emergiram sobre os intelectuais/educadores do país.” (Martins, 2004, p. 63). A geografia que era aplicada até então, sofreu positivas modificações não sendo mais guiada pelo positivismo, possibilitando que fosse possível pensar e trabalhar a ciência geográfica numa outra perspectiva, que tinha como centralidade o olhar sob o contexto nacional e mundial, relacionado com o contexto social e político.

Para dar conta de uma nova perspectiva do papel da geografia, o movimento de renovação desta ciência deu abertura para repensar seus métodos, técnicas instrumentos, conceitos e categorias. Esta nova vertente da geografia ficou conhecida como “geografia crítica”. De acordo com Santos, “chegamos à fase histórica em que a noção global se impõe com mais força porque as variáveis que ajudam a tecer o seu contexto têm uma origem cada vez mais longínqua e um alcance mundial”. (Santos, 2004, p.167).

Na década de 1980, os princípios do positivismo passam a ser questionados e dão lugar para estudos e pesquisas que se voltam para a relação dos dados quantitativos com as questões presentes na sociedade. Os estudos geográficos passaram a ter uma visão mais social, com um olhar para o mundo, para a realidade de fatos e questões que afetavam o cotidiano das desigualdades de um contexto social perverso. Estes questionamentos contribuíram para uma mudança de paradigmas no pensamento geográfico, com a transição da perspectiva de uma geografia quantitativa para a “geografia crítica”.

Todo este processo também resultou em alterações na produção do conhecimento, com a busca de novos elementos para se tentar construir novas

propostas teórico e metodológicas pautadas na geografia crítica, tanto para a ciência quanto para a geografia escolar, na busca de uma Geografia social que auxiliasse na conquista da cidadania.

De acordo com Lana Cavalcanti, o movimento de renovação da Geografia, que teve início no final dos anos 1970, contribuiu para conquista de novos paradigmas teóricos e metodológicos para geografia escolar.

[...] muitos caminhos foram escolhidos para se fazer uma análise crítica da fundamentação teórico-metodológica da ciência geográfica e para propor alternativas ao modo de trabalhar essa ciência como matéria escolar. É verdade que as discussões teóricas e as propostas para o ensino de Geografia têm tido pouca penetração na prática desse ensino ou têm demorado muito a chegar a essa instância, mas já é possível observar alterações no cotidiano das aulas de Geografia, alterações essas fruto de experiências fundamentadas por teorias críticas da Geografia que já foram realizadas. (2002, p. 11-12).

Nas escolas, de acordo com Martins (2004, p. 64), os professores passaram a “considerar a necessidade de se rever questões teórico-metodológicas e os fundamentos epistemológicos da ciência geográfica”. O ensino que até então era baseado na descrição, observação e enumerações de dados passa a ser questionado e busca-se incorporar propostas teórico e metodológicas de uma geografia que busque responder aos dilemas da sociedade contemporânea. Uma geografia que tenha significado para os/as estudantes e contribua para reflexão acerca da superação das desigualdades, com conhecimentos relevantes socialmente.

Considerando que a ciência continua em constante evolução, ainda hoje encontramos discussões que questionam os conteúdos e metodologias que encontramos no ensino da geografia escolar. É importante repensar práticas que tem uma “lógica conteudista”, que se pautam em conteúdos distanciados da realidade dos/das estudantes e que não tem significado para a vida. A “lógica conteudista” segundo Martins (2004) prioriza a quantidade ao em vez da qualidade, ou seja, discute que muitas vezes o ensino venha sendo aplicado de maneira com que a quantidade de coisas ensinadas esteja acima da qualidade. Muitas vezes, estes conteúdos acabam sendo aplicados, mas não compreendidos. A preocupação acaba ficando em volta do cumprimento de currículo, ou seja, com aplicar todos os

conteúdos previstos, não se preocupando se o estudante está mesmo aprendendo ou se aquilo faz sentido dentro do contexto que este está inserido.

Para continuarmos avançando na ciência geográfica e na geografia escolar, é necessário que possibilitemos debates teóricos, filosóficos e utópicos. De acordo com Martins (2004) é somente por estes meios que podemos ir rompendo as limitações da geografia tradicional, ou seja, as limitações da geografia que se preocupa em a memorização de informações como cidades, países e continentes.

É importante ainda destacar, que para estas discussões e debates chegarem até a escola, é necessário que os/as professores/as da educação básica façam parte deste processo e o compreenda. Para isso, é importante que sua formação inicial seja sólida e de qualidade, bem como o percurso da formação continuada para que possam participar dos “coletivos para a discussão, reflexão e problematização da sua prática.” (Martins, 2004, p. 65).

1.2 A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: UMA ALFABETIZAÇÃO PARA LER O MUNDO

Nos anos iniciais do ensino fundamental, a alfabetização voltada, principalmente para o desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita, tem um papel fundamental no aprendizado das crianças, indispensáveis ao exercício da cidadania.

Nesta fase, também é fundamental a aprendizagem dos conceitos e conteúdo da geografia escolar para oportunizar que as crianças se apropriem e conheçam as categorias centrais de lugar, espaço, território, paisagem e região, importantes para a construção da sua identidade e o seu pertencimento ao mundo que vivem e que possam expressar a complexidade do espaço geográfico. Nesta perspectiva, Callai expõe:

Por meio da Geografia, nas aulas dos anos iniciais do ensino fundamental, podemos encontrar uma maneira interessante de conhecer o mundo, de nos reconhecemos como cidadãos e de sermos agentes atuantes na construção do espaço em que vivemos. E os nossos alunos precisam aprender a fazer as análises geográficas. E conhecer o seu mundo, o lugar em que vivem, para poder compreender o que são os processos de exclusão social e a seletividade dos espaços. (CALLAI, 2005, pg. 45).

Por meio do reconhecimento das vivências e experiências dos/das estudantes, o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental pode

potencializar o entendimento sobre o mundo. Se reconhecer como cidadão e agente atuante, faz com que, essas crianças se sintam pertencentes ao seu lugar, que muitas vezes é excludente com a criança, não tendo espaços que visivelmente possam ser ocupados por elas. Ao entenderem que pertencem e podem transformar o espaço, compreendem o seu papel como cidadão que tem direitos na sociedade que vivem.

De acordo com Silva e Silva (2018), é fundamental para a formação das crianças, ainda nos anos iniciais do ensino fundamental, a aprendizagem dos conceitos de paisagem local e de lugar, para que ela possa reconhecer a realidade vivida e concreta. Para as autoras, o ensino-aprendizagem de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental “deve-se contemplar os conceitos-chave da Geografia e as representações que os alunos trazem deles e constroem cotidianamente no mundo contemporâneo” (Silva e Silva, 2018, p.245). Além de ser importante, possibilitar e assegurar que se desenvolva uma reflexão acerca do espaço geográfico, fazendo com que as crianças compreendam a realidade local que faz parte do cotidiano delas.

Para Callai (2010), a alfabetização vai além de leituras e códigos, e deve ser pautada também na leitura do mundo. Neste período de desenvolvimento das crianças, o papel formativo do ensino da geografia contribui para que elas percebam a espacialidade e a temporalidade dos fenômenos que acontecem no seu cotidiano. O aprendizado da leitura e dos números, precisam estar aliados na leitura dos acontecimentos do mundo no qual está inserida a criança, contribuindo assim, para que a geografia, nesta fase, consiga proporcionar a compreensão do espaço no qual ela ocupa e o tempo em que vive.

Segundo Martins (2015), o período de alfabetização é de extrema importância para a criança, sendo este período responsável pelas aprendizagens de códigos básicos e indispensáveis para o exercício da cidadania. Contudo, o conceito de alfabetização vem passando por diversas ressignificações que procuram compreender qual a forma adequada que este processo deve seguir. Considerar este processo como uma simples etapa de domínio da leitura e da escrita é uma concepção que precisa ser superada.

Lerner (2002, p.27) afirma que a alfabetização tem o compromisso de “formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria, frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com

os quais interagem”. Sendo assim, a alfabetização precisa ser compreendida como um processo amplo e comprometido com o sujeito social, que neste caso é a criança. Que possibilite a formação de sujeitos autônomos nas dimensões políticas e sociais e ultrapasse o simples domínio de leitura e da escrita.

Uma maneira de proporcionar que este ensino vá além da técnica de leitura e escrita, Martins (2015) afirma que é necessário proporcionar um ensino amplo que desenvolva a compreensão das capacidades e conhecimentos múltiplos vivenciados diariamente pelas crianças. O ensino de geografia nos anos iniciais torna-se então um importante aliado para que os códigos de linguagens, aprendidos para leitura e escrita, potencializem a leitura do mundo no qual a criança está inserida.

Quando abordamos o conhecimento geográfico como um elemento fundamental na alfabetização para a compreensão do mundo no qual a criança está inserida, apontamos a ciência geográfica como um conhecimento que quando adquirido permite que o/a estudante tenha maior facilidade em compreender o seu cotidiano e fazer relação com espaços mais distantes.

Por meio do ensino de Geografia nos anos iniciais, alfabetizamos para que intelectualmente a criança se desenvolva como cidadão ativo e participante socialmente. Conhecendo e lendo o espaço em que habita, para que este se desenvolva com a finalidade de atuar de forma autônoma e consciente.

As propostas de trabalho desenvolvidas com a Geografia nos anos iniciais podem constituir-se em possibilidades para o desenvolvimento de uma prática social cotidiana, para a formação de uma consciência espacial, para uma relação ética e estética com o espaço, ampliando as visões de mundo, a compreensão do que acontece aos alunos e do que vivem. Afinal, com a Geografia e com os alunos, podemos ler o mundo de forma plural, contraditória e dinâmica, para que possamos compreender melhor a nós mesmos e aos outros; e, quem sabe, contribuir para ações na construção de um mundo digno para todos. (THEVES, 2018, p. 98).

É importante no momento da alfabetização, que a criança consiga desenvolver diversas capacidades intelectuais e não só aceite e assimile informações. Quando limitamos a alfabetização à decodificação de números e letras, limitamos também o desenvolvimento intelectual infantil. Para Mustafé (2019, p. 87) são essas habilidades intelectuais que vão desenvolver na criança a capacidade de “contestar, indagar, questionar e resolver problemas da realidade”.

[...] a aprendizagem da Geografia favorece o reconhecimento da diversidade e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito a diversidade sem preconceitos étnicos, de gênero ou de qualquer outro tipo.) Ela também estimula a capacidade de empregar o raciocínio geográfico para pensar e resolver problemas gerados na vida cotidiana, condição fundamental para o desenvolvimento das competências gerais previstas na BNCC. (BRASIL, 2017, p.313.)

O ensino de Geografia tem uma função de alfabetizar geograficamente as crianças e contribui para desenvolver habilidades para observar e compreender o que acontece a sua volta. Possibilita a compreensão da sociedade e o lugar em que se vive. De acordo com Berbart, Guimarães e Torres (2016), o papel da Geografia na Educação Infantil é de possibilitar o acesso da criança à plena geograficidade em seu mundo.

Callai destaca que o ensino de geografia possibilita ampliar a visão de mundo e contribui para que a criança possa ter outras experiências além do seu espaço local e familiar.

Partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo. E pode-se dizer que isso nasce com a criança. Desde que a criança nasce os seus contatos com o mundo, seja por intermédio da mãe, seja pelo esforço da própria criança, buscam a conquista de um espaço. Um espaço que não é mais o ventre materno onde ela está protegida, mas um espaço amplo, cheio de desafios e variados obstáculos, e que, para ser conquistado, precisa ser conhecido e compreendido. E isso, a criança vai fazendo, superando os desafios e ampliando cada vez mais sua visão linear do mundo. (CALLAI, 2005, p. 233)

As crianças enquanto sujeitos sociais, vivem e produzem o espaço. Por isso é importante que a geografia, enquanto campo do conhecimento que instrumentaliza e possibilita o reconhecimento da espacialidade, seja trabalhado nos anos iniciais para potencializar o entendimento do espaço geográfico e a organização da sociedade. Com isso, a criança, desde o início da escolarização, compreende a organização espacial dos objetos, dos lugares, dos fenômenos e as conexões sociais e culturais presentes na sua vida. Neste sentido, Lopes destaca que “a criança é um ser sociocultural, histórico, portanto, também é geográfico, assim como é geográfico seu processo de humanização” (2014, p. 105).

Podemos afirmar que a Geografia nos anos iniciais, tem um papel importante na alfabetização e no desenvolvimento do raciocínio espacial, e possibilita a

compreensão do espaço vivido e percebido. Sendo que, nesta fase, é importante consiga fazer a leitura do mundo e não somente aceitar informações. A compreensão de conceitos como lugar, paisagem, território, entre outros, considerando os viveres e as experiências das crianças, contribuem para a formação de um cidadão, que ao compreender que faz parte do espaço e que ele constrói, venha a ser contribuinte para a sociedade que habita.

2 O LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA: COMPREENDENDO O ESPAÇO VIVIDO

Vivemos em um mundo globalizado, isso não é novidade, mas, apesar do mundo global no qual estamos inseridos, nossas relações sociais se dão principalmente de maneira local. Nos livros de Geografia, encontramos fotos lindas de cidades distantes, conhecemos peculiaridades geográficas sobre o mundo inteiro e nos deslumbramos por suas informações. Mas e o local? O que acontece aqui no lugar em que vivemos? Neste sentido, neste capítulo, apresentamos uma discussão acerca do significado do conceito de lugar, bem como a sua importância no ensino de geografia, especificamente no ensino dos anos iniciais do ensino fundamental. Para o estudante, estudar o lugar, significa construir a sua identidade e reconhecer o seu pertencimento.

2.1 LUGAR: COMPREENDER O ESPAÇO PARA COMPREENDER ONDE SE VIVE

Segundo Callai (2003) “estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o espaço onde se vive”, espaço este que é construído a partir da história de pessoas que ali vivem e viveram, como se relacionam entre si e com o espaço, como atuam e movimentam-se. As consequências de se compreender o espaço e que se está inserido, é entender sua história e a sua dinâmica local. O que ali aconteceu e acontece.

Cada lugar é único e aquilo que o torna único pode ser poeticamente exemplificado na obra de Antonie de Saint-Exupéry, *O pequeno Príncipe* (2000). O autor retrata, durante o diálogo de seus personagens, que o lugar é marcado por uma referência singular, pelos laços de sentimento, pelos valores construídos, pelas relações socioculturais permeadas por causa e efeitos e que transformam o habitante, o lugar e a identidade como corresponsáveis pela reprodução da vida. As construções geográficas, nesse caso, se configuram como memória socioafetiva e dão vazão aos lugares que os tornam únicos. (GODOI, 2019)

Segundo Santos (1996), para compreender o lugar é preciso entender que ele está em permanente mudança, que não são individuais, mas sim coletivas, visto que o lugar é construído através de relações interpessoais que são estabelecidas nas conexões sociais do meio. Também é necessário levar em consideração as ações culturais e econômicas desta comunidade.

Outro ponto destacado pelo autor é a influência da globalização e das tecnologias e seus impactando que se aplicam com o tempo sob este local. Um exemplo claro é como as tecnologias proporcionam uma facilitada comunicação entre lugares, ou seja, as relações interpessoais passam a ser globalizadas, e culturas de outros locais podem ser aplicadas a cultura local e com o passar do tempo podem vir a ser uma característica deste lugar. Mas, para analisar um lugar, para o autor, é precisa sempre considerar “seus pares dialéticos: o interno e o externo; o novo e o velho; o local e o global”. (SANTOS, 1996)

Mas como diferenciar então os lugares, se todos têm influências globalizadas? “É justamente a resistência dos fatores internos dos externos, já que o novo chega, mas não hegemoniza todas as dimensões [...] e todos os lugares. O novo, expulsa o velho, às vezes este resiste por muito tempo” (SANTOS, 1996). É importante lembrar que quando definimos lugar, estamos considerando uma cultura, e a maneira com que essa cultura vai incorporar ou não as interferências externas é que vão diferenciar os lugares entre si.

Em muitos lugares, encontramos culturas que aceitaram interferências externas como a melhora na comunicação, mas que não deixaram de lado suas culturas de origem, suas histórias, mas sim, utilizaram das interferências internas para intensificar suas origens e disseminar estas entre sua população reforçando o sentimento de pertencimento a comunidade, ao lugar em que habitam.

Trabalhar com o conceito de lugar no ensino de geografia possibilita que os/as estudantes tenham contato com um conhecimento vinculado a sua realidade, com que vive no seu cotidiano. Nascimento destaca que o estudo do lugar também possibilita a compreensão do global.

[...] a escola é o principal espaço onde, por meio das intencionalidades do professor, o mundo – para além da casa, do bairro e da cidade – é apresentado aos alunos. É a escola também que contribui (ou poderia contribuir) para ampliar a compreensão desse mundo. A Geografia, neste contexto, ocupa um lugar privilegiado porque é um campo científico e disciplinar que possibilita a compreensão da relação entre o mundo vivido do aluno e o mundo distante (NASCIMENTO, 2012, p.18)

Nos anos iniciais, o estudo do lugar deve ser o ponto de partida no ensino de Geografia para que as crianças tenham a compreensão do que acontece nas suas relações diárias e vivências na sua casa, na escola, no bairro e a sua história.

Nossa pesquisa tem como proposta destacar a importância do estudo do conceito de lugar no ensino de geografia nos anos iniciais. É importante ressaltar que as crianças são sujeitos que também compõem um lugar e tem suas histórias construídas e vivenciadas neste lugar. Para Callai (2009) “compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem”. Na infância, é o lugar que define “...a identidade, os costumes, os comportamentos, as regras, as relações socioespaciais, que são vividas de modo subjetivo e individual...” (Godoi, 2019)

Sendo assim, podemos afirmar que o conceito de lugar gira em torno do espaço vivido pelo indivíduo, e este conceito, passa a ser de grande importância, pois para entender o mundo, precisamos entender primeiramente o lugar em que vivemos e estabelecemos nossas conexões, sejam elas afetivas, econômicas ou culturais. Compreender o lugar em que habitamos passa a ser então compreender nossa história e das pessoas que, conosco nesse lugar, vivem ou viveram e como elas interagiram e integram com o meio que habitam. Segundo Callai e Moraes (2013) a nossa identidade vem do lugar que resulta dos vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares.

Partindo do pressuposto de lugar como o espaço em que se vive, podemos afirmar que, conhecer este espaço habitado é o primeiro passo para compreender o mundo em que vivemos. Para Callai e Moraes (2013, p.139) “o espaço construído é resultado da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, como trabalham, se alimentam e usufruem do lazer. Isso resgata a identidade [...] os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares”.

Quando abordamos conceitos geográficos como lugar, espaço, território, paisagem e região, o conceito de lugar é, segundo Selbach (2010, p. 37), “um instrumento formidável para que posamos nos conhecer e nos compreender melhor, perceber toda a dimensão do espaço e do tempo, onde estamos e para onde caminhamos”. É um espaço carregado de afetividades e subjetividades, que faz parte da história da nossa vida, onde estabelecemos nossas relações interpessoais

Sendo um dos principais conceitos geográficos, como afirma Suess e Leite (2016), primordialmente na Geografia humanista, por meio de sua compreensão e análise podemos entender significados do espaço, principalmente do vivenciado e das experiências dos sujeitos. Tuan (1979) traz o espaço como algo que vai muito além da estrutura do espaço e sim como algo a ser compreendido sob a perspectiva

das pessoas que lhe dão significado, ou seja, sobre as pessoas que o habitam e o concebem.

Conhecer o lugar é conhecer a si mesmo, o passado, as manifestações ocorridas e as forças modeladoras de determinado local, o anseio das antigas gerações, além de possibilitar reconhecer o fragmento temporal-espacial enraizado em nossa memória permeado de gostos, vontades e visões do mundo, o lugar é uma mística do passado e do presente, que nos fornece subsídios para alavancar para o futuro. (SUES, CARVALHO, SOBRINHO, ALMEIDA, 2013.)

O desafio é fazer com que Geografia seja uma disciplina que tenha relação com a vida para que as crianças compreendam que nossa sociedade é construída na relação entre o espaço natural e o espaço social, que é transformada constantemente pelo homem. Segundo Cavalcanti (2012, p. 143), o ensino do conceito de lugar na geografia é importante “para que os alunos possam fazer um elo entre o que acontece no lugar em que vivem, na sua vida, no seu cotidiano, e o que acontece em outros lugares do mundo”. A autora ainda afirma que ao trabalhar o lugar no qual o aluno está inserido, o mesmo poderá aprofundar seus conhecimentos no local no qual se tem sua vida cotidiana, seu bairro, sua cidade, bem como as propriedades e problemas de sua realidade geográfica.

Quando trabalhamos o lugar a partir do vivido pelos estudantes, encontramos desde o início uma identificação maior com o conceito, bem como uma melhor compreensão da realidade onde vivemos. Quando trabalhamos com o/a estudante a compreensão de lugar, permitimos que este conheça sua história, tendo em vista que ele é pertencente aquele local. Além de sua história, ele compreende também com maior facilidade as coisas que ali acontecem.

Segundo Boscolo (2018, p. 43) “O lugar é o espaço possível de ser sentido, pensado, vivido e de ser apropriado. É vivido através do uso pela locomoção, trabalho, lazer, consumo, como exemplo, a rua, a praça e o bairro.”. Ainda segundo o autor, o espaço é o lugar mais intenso na vida do sujeito, pois é lá que se dão as relações entre “eu e o outro”, no qual as histórias acontecem. Boscolo, afirma:

Sobre a ideia de lugar, o professor pode trabalhar o cotidiano do aluno com toda a carga de afetividade e do seu imaginário, que nasce com a vivência dos lugares. Assim, ajudar o aluno a pensar historicamente a construção do espaço geográfico, não somente como resultado de forças econômicas e materiais, mas também pela

força desse imaginário. [...] Estudar a realidade de um lugar, na Educação Básica, tem o objetivo do estudante reconhecer-se como cidadão, ao conhecer e interpretar criticamente o mundo em permanente transformação, relacionando componentes da sociedade e da natureza. (2018, p.44-45)

Boscolo (2018), discorre ainda sobre a importância da apropriação do conceito de lugar no Ensino de Geografia, pois o mesmo, como uma fração do espaço total, permite que os estudantes desenvolvam a compreensão do movimento social global, e entendam processos como a desigualdade social. Dessa forma, podem vir a assumir sua responsabilidade como cidadãos na transformação da atual realidade, fundamentando, segundo o autor, suas ações em princípios democráticos, solidários e de justiça.

Para Nascimento (2012, p. 39) “os estudos envolvendo o lugar de vivência dos/das alunos/as devem ser realizados sempre na perspectiva de evidenciar as relações de interdependência com a totalidade – mundo.”, ou seja, não se deve esquecer quando se fala em lugar, que este lugar este inserido em uma totalidade, o mundo. É preciso cautela para compreender e ensinar que o lugar não é um pedaço isolado da totalidade. Segundo a autora, para isso, o/a professor/a encara um grande desafio, o de fazer com que os/as estudantes desenvolvam “noções, conceitos e habilidades para compreenderem o lugar a partir da sua relação com o mundo, bem como entender o mundo na sua relação com o lugar”.(2012, p. 39) Além de, formar sujeitos que compreendam a interferência da ordem mundial sobre o seu lugar, e consigam defender seu patrimônio social.

O estudo do lugar como vivencia e cotidiano do aluno abre a possibilidade de compreensão da sua realidade, propiciando que ele se sinta participante do espaço que estuda e perceba que os fenômenos que ali ocorrem são resultantes da vida em sociedade e do trabalho de muitas pessoas, inclusive o seu papel imerso nesta realidade. Assim, a apreensão e a compreensão do lugar vivido pelo aluno assume um significado fundamental: a construção de um sujeito cidadão crítico e responsável. (NASCIMENTO, 2012, p. 40)

Nascimento (2012), destaca que a geografia escolar possibilita que os/as estudantes compreendam o funcionamento e as transformações que ocorrem ao seu redor. Sendo assim, por meio do ensino do conceito de lugar, podem-se formar sujeitos que venham a ser muito mais ativos e participativos na sua realidade social. Pois, entendendo que são pertencentes ao espaço que habitam e que ali são construídas suas histórias, e acontecem suas dinâmicas, se sentem inseridos e

ligados a este lugar.

Para Cavalcanti (2008), os elementos afetivos como a segurança, a liberdade e a vizinhança, são trazidos pelas experiências individuais dos/das estudantes e são esses elementos que dão significado ao lugar. O lugar é o resultado dos elementos sentidos e vividos por quem ali habita. Para a autora, conhecer diversos lugares, considerando as culturas particulares e as histórias de quem habita, e estabelecer comparações entre estes lugares com o próprio lugar de vivência, possibilita que o/a estudante tenha condições de comparar o local com o global.

Para que os alunos entendam os espaços entendam os espaços da vida cotidiana, que se tornaram extremamente complexos, é necessário que aprendam a olhar, ao mesmo tempo, para um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local. Para atingir os objetivos dessa educação, deve-se levar em consideração, portanto, o local, o lugar do aluno, sempre visando propiciar a construção, por ele, de um quadro de referências mais geral que lhe permite fazer análises críticas desse lugar (CAVALCANTI, 2012, p. 34)

Segundo Santos (2010), lugar é a “categoria mais significativa para o sujeito”, pois tem relação com o reconhecimento que o indivíduo tem com aquela porção de espaço, além das suas relações afetivas e sociais. Incorporado ao conceito de lugar, quando aplicado em uma comunidade, pode-se encontrar valiosas informações como suas histórias e suas culturas.

Já, de acordo com Kaercher, “o lugar é entendido como o espaço da vida de cada um, onde estão as referências pessoais e onde estão os sistemas de valores, elementos básicos para a construção da identidade pessoal” (2003, p. 168). No lugar, encontramos os detalhes da nossa vida, desde nossos antepassados até como nos desenvolvemos hoje em sociedade, é no lugar onde encontramos nossa história e podemos analisar quem somos hoje e quais foram as influências históricas que chegaram até nós.

É no lugar, que o sujeito irá sentir pensar e viver. Encontramos na sociedade, os mais variados lugares e indivíduos que se transformam num grande espaço geográfico, como afirma Moreira:

Todos moramos em um lugar e temos familiares e amigos que moram em outros lugares. Estes diferentes lugares são ligados por ruas, avenidas, estradas. Pessoas, objetos e idéias fluem entre

esses diferentes lugares, entrecruzam-se através das artérias que os põem em comunicação. Ajudam se ou ignoram-se. De diferentes lugares são extraídos recursos que em diferentes lugares são transformados em objetos úteis e que são intercambiados entre diferentes homens. Uma combinação de lugares e de relação entre lugares tece uma unidade de espaço, o espaço geográfico, constituindo o espaço da existência dos homens. (MOREIRA, 2005, p. 56- 57)

O homem busca compreender o espaço em que vive, sendo assim, quando falamos em ensino aprendizagem no ensino de geografia, o conceito de lugar torna-se um aliado. O lugar, segundo Santos (2010) é algo acessível a nós, “conhecido, vivido na prática é a parte do mundo onde realmente estamos atuando, onde nos reconhecer como agentes transformadores do espaço”. Por meio do olhar geográfico, pode-se compreender as dinâmicas da natureza apenas observando o lugar no qual estamos inseridos. Dessa forma, é possível ter a consciência da organização espacial do lugar onde vivemos e relacionar com outras relações espacial que podem ser próximas ou mais distantes.

2.2 O CONCEITO DE LUGAR COMO GUIA NA GEOGRAFIA DOS ANOS INICIAIS

Pode-se afirmar com base em Callai, Cavalcanti e Castellar (2012) que a escolha do conceito de lugar como principal guia para a geografia dos anos iniciais, é a possibilidade que este conceito tem para que a criança compreenda e conheça o mundo partindo do seu lugar de vivência.

No contexto analisado os conceitos como a *localização e lugar* são importantes, pois permitem aos alunos iniciarem a construção das noções de espaço e de cotidiano. A partir de experiências que estimulem o entendimento de situações do cotidiano bem como os fenômenos espaciais do mundo que os rodeia, desde os mais simples (o local de vivência) até os mais complexos (relações geopolíticas entre os países). (CALLAI, CAVALCANTI E CASTELLAR, 2012, p. 84)

O ensino de geografia nesta etapa da escolarização possibilita com que a criança conheça e compreenda o mundo em que vive. Quando falamos em conhecer e compreender o mundo, falamos em proporcionar por meio do conhecimento, que a criança desenvolva a capacidade cognitiva de entender o que se passa ao redor, entender a sociedade a qual está inserida. Para iniciar este processo de evolução do pensamento, é necessário que, primeiramente, a criança seja capaz de assimilar o

que se passa em seu dia a dia. Na geografia, assimilar o que se passa em seu dia a dia significa em outras palavras, compreender o que acontece no local ao qual está inserida, ou seja, compreender o seu lugar.

De acordo com Callai, Cavalcanti e Castellar (2012), o que desencadeia o início do aprendizado na geografia dos anos iniciais é a compreensão do conceito de lugar. Para as autoras, este conceito “expressa a dimensão espacial, que se traduz pela organização do território” (p.85). Território este que mais está próximo do/da estudante que irá lhe despertar maior encanto, é importante ainda destacar que quando falamos em proximidade, não estamos tratando somente de proximidade física, mas relações afetivas, econômicas, social e cultural.

Ter a consciência do lugar, no ensino de geografia dos anos iniciais é algo crucial. Ao entender o lugar ao qual está inserida e entender que faz parte da construção deste, a criança passa a ter outra visão dos espaços coletivos. Ao fazer um mapa elaborando um percurso entre casa e escola, por exemplo, além de um simples desenho de representação, a criança passa a ter noção da alma do espaço que ali representa, ou seja, desenvolve noção do que ali é vivido, concebido e percebido, inserindo seus sentimentos e experiências em sua representação.

Aprender a ler e a escrever o mundo significa alfabetizar a partir de um projeto que considere a realidade, assim o ensino da Geografia dá ao aluno a oportunidade de conhecer de modo mais sistemático o lugar em que vive e se relaciona com outros, construindo os conceitos necessários tanto para aprendizagens futuras como para a sua vida. (CALLAI, CAVALCANTI E CASTELLAR, 2012, p. 87)

Sabe-se que na infância a imaginação tem grande importância na aprendizagem das crianças. Valorizar esta característica infantil, inserindo no ensino brinquedos e brincadeiras é um grande aliado não só no ensino de geografia, mas no ensino no geral. Escolher trazer a literatura infantil como aliada no ensino neste trabalho, surgiu enquanto buscava entender como funciona a sistematização do conhecimento nesta etapa da escolarização. A imaginação possibilita que os/as estudantes criem situações imaginárias, misturando com seu real, fazendo com que a compreensão conceitual se dê de forma leve e respeitosa.

Esta perspectiva de aprendizagem permite a criança construir novas estratégias para elaborar conceitos e, a partir deles, fazer generalizações que sustentem suas ideias e os motive para reelaborá-las, na medida em que dinamiza os processos de

pensamento o que permitirá sua relação com o espaço geográfico, a elaboração de conceitos geográficos fazendo com que os fenômenos objetos de estudo da Geografia se incorporem ao cotidiano do aluno e dêem sentido nas diversas relações que ele tem com o mundo. (CALLAI, CAVALCANTI E CASTELLAR, 2012, p.87)

Quando falamos sobre um/uma estudante, neste caso, uma criança, estamos falando sobre o resultado de um conjunto de relações. Por meio do ensino de lugar na geografia nos anos iniciais do ensino fundamental é possível desenvolver a compreensão de sua identidade. De acordo com Costella e Schaffer, (2012, p. 53), o estudante “se conhece quando compreende o que o envolve, as relações ali presentes e o processo, a continuidade do lugar. ” Iniciar o ensino de geografia com o ensino do conceito de lugar, proporciona que este ensino seja feito com base no conhecimento das relações.

Aprender geografia é aprender a reconhecer acontecimentos e fatos de diferentes escalas. Nos anos iniciais do ensino fundamental, compreender que existe um lugar e que a criança está nele inserida é um primeiro passo para compreender as relações do seu bairro, município, e assim suscetivelmente até chegar a escala global. Podemos afirmar que para compreender os inúmeros lugares existentes, cognitivamente, a criança precisa compreender a sua escala, o seu lugar, para depois seguir para escalas e lugares mais amplos.

A geografia alfabetiza para a leitura de mundo. Se o aluno souber ler o espaço, saberá como começar a estabelecer relações, como interpretar seus acontecimentos. Alfabetizado para a Geografia e a Cartografia, o aluno adquirirá, ao longe de sua escolaridade, competência para a leitura de um lugar. Ao aprender a ler o seu lugar, esta aprendizagem se estenderá a outros lugares, pelo exercício de diferentes habilidades mentais, o que torna o aluno capaz de relacionar seu lugar com o mundo por meio da transposição das aprendizagens em leituras anteriores para novas situações. (COSTELLA E SCHAFFER, 2012, p. 54)

De acordo com Costella e Schaffer (2012), trazer o lugar para a sala de aula vai muito além de trazer um conteúdo e sim uma vivência. Nesta fase, as crianças precisam ter exemplos que partem da sua realidade. O ensino do lugar, passa a ser imprescindível pois ele é a própria experiência, o próprio cotidiano. Cabe ao professor/a, somente ensinar a leitura geográfica daquelas experiências e lugares vivos, para assim, iniciar uma alfabetização geográfica que contribua para a vida e para leitura do mundo.

Cabe ainda destacar que, de acordo com Lessan (2009), a criança quando entra nos anos iniciais do ensino fundamental tem a percepção visual egocêntrica, ou seja, sua noção espacial parte de si mesmo. O ensino de geografia nesta etapa, é de extrema importância para que esta percepção seja expandida. Mas é importante fazer com que este avanço cognitivo seja feito respeitando esta visão com que ela chega na escola, e utilizando desta visão para compreender o lugar que está inserida. A partir de então, compreendendo seu lugar a criança conseguirá compreender com maior facilidade que existem “outros mundos”.

Conclui-se então, que o conceito de lugar é um caminho importante para a apreender os demais conceitos geográficos. Por meio da compreensão do lugar, a criança consegue assimilar que pertence a um ambiente e que nele constrói relações. Trabalhar o conceito de lugar no ensino de geografia, é possível considerar as etapas da cognição infantil e respeitar seus conhecimentos, limites e sua imaginação. Para isso, é fundamental utilizar estratégias metodológicas que dão voz e autoria para as crianças.

3 OS DIFERENTES CONTEXTOS DA IMAGINAÇÃO: LITERATURA INFANTIL E ENSINO DE GEOGRAFIA

Neste capítulo, busca-se discutir acerca da importância do uso da literatura infantil como metodologia no processo de ensino e aprendizagem. A literatura infantil, além de apresentar grandes benefícios para a formação cidadã das crianças, desenvolve individualmente a capacidade de compreender com mais facilidade o que ocorre no mundo e contribui na formação de leitores. No ensino de geografia nos anos iniciais, utilizar a literatura infantil como dispositivo pedagógico, proporciona com uso de diversas linguagens, que a criança se identifique dentro da narrativa e consiga compreender com maior facilidade os conceitos geográficos como o de lugar, que será trabalho nesta pesquisa. Utilizando sua imaginação, a criança cria cenários e representações do real, fazendo ligações com o seu mundo.

Em um segundo momento, este capítulo irá expor obras de literatura infantil que podem ser utilizadas como ferramenta metodológica pelos professores em sala de aula nas aulas de geografia dos anos iniciais. Obras estas, que de alguma forma trazem algum conceito ou conhecimento geográfico. Sendo assim, através da linguagem infantil encontrada nestas histórias, pode-se vir a produzir um conhecimento real que valoriza a imaginação infantil

3.1 LITERATURA INFANTIL: UMA REPRESENTAÇÃO DO REAL POR MEIO DA IMAGINAÇÃO

Para Souza e Chaveiro (2008) a literatura é uma representação do real. Tendo ela, o poder de fazer identificar signos e símbolos que estão em nossas relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Segundo os autores, a literatura é uma representação humana do seu mundo, do real, do vivido. A literatura, pode ser uma possibilidade para que o ser humano expresse o que guarda e esconde na mente. O diálogo entre a geografia e a literatura, é um interessante caminho metodológico, tendo em vista que as histórias guardam e muitas vezes escondem em si representações de espaço-tempo que podem facilitar o entendimento de conceitos geográficos.

Na infância, nos ambientes de aprendizagem, busca-se criar percursos pedagógicos significativos, tendo em vista que nesta fase de aprendizagem, é

importante proporcionar diversas propostas que tentam alcançar diferentes perfis de estudantes. Para Silva (2017) as histórias infantis contribuem na construção do conhecimento, além de possibilitar a superação de desafios na construção da aprendizagem e auxiliar na interação e na vivência das crianças nos diferentes espaços escolares.

No ensino de geografia, é fundamental compreender o espaço e suas representações, bem como elementos físicos e sociais. Mas, nos anos iniciais da escolarização, é uma tarefa complexa o entendimento destes conceitos e sua relação com o contexto de vivência das crianças. Neste sentido, a literatura infantil, é uma linguagem que pode contribuir para facilitar este desenvolvimento e a compreensão da sua realidade. Para Silva (2017, p. 272) é importante “construir possibilidades de aprender Geografia de modo que a criatividade e a imaginação dos estudantes não sejam excluídas”. Neste contexto, as histórias infantis são importantes meios de ensino que contribuem para desenvolver as representações mentais, pois os/as estudantes são instigados a imaginarem o espaço, objetos e personagens da história.

Segundo Cavalcanti (2009, p. 39) “[...] a literatura pode ser, para a criança, um aspecto para a expansão do seu ser [...] ampliando o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne um adulto mais criativo, integrado e feliz.”. Podemos afirmar que a literatura infantil é uma fonte de alimento para a imaginação infantil. A literatura, é um meio aonde se cria e se socializa a linguagem e os valores nos quais acreditamos. Através dela, as crianças encontram uma ponte para a expressão de seus sentimentos e conhecimentos individuais.

Não basta que a escola promova o lúdico, a brincadeira e a leitura dentro de um clima de prazer. É fundamental que aprender a ler e a gostar de ler tenha sentido na vida de cada um. Que o leitor se sinta identificado com o lido, que possa exercitar-se numa aprendizagem importante sobre o mundo, as pessoas, a natureza, as lutas, a dor e o amor. (CAVALCANTI, 2009, p. 79)

Quando se ensina a ler, é necessário ir muito além do domínio de códigos e símbolos, é importante possibilitar a compressão do que está escrito nas entrelinhas. Neste sentido, a literatura infantil, é um dispositivo pedagógico que possibilita esta mediação e contribui para o desenvolvimento da capacidade leitora das crianças. Para Cavalcanti (2009, p. 44), “ensinar a ler significa muito mais do que

instrumentalizar o sujeito para o exercício do código linguístico. Contar histórias para a criança vai muito além de diverti-las porque toca em questões essenciais da existência”. A literatura, nos anos iniciais da escolarização, pode ser um caminho para a compreensão do mundo e das questões sociais e ambientais que fazem parte do cotidiano das crianças.

A leitura é uma forma de enriquecimento cultural. Enriquecimento este, que desenvolve, segundo Paulino (2012), um maior grau de conscientização e atenção aos fatos que nos rodeiam. Para a autora, lendo histórias infantis, as crianças estabelecem relações com o mundo, tendo em vista que as literaturas são representações do mundo. O contato com a leitura desde muito cedo na infância, contribui para que as crianças tenham contato com informações reais ou fictícias, que podem acrescentar informações a suas vidas, ampliar o vocabulário e alargar a relação com o que acontece no cotidiano. Para Paulino (2012 p.7), “[...]a literatura é uma forma das crianças se apropriarem da realidade, na qual estão condicionadas”.

Compreende-se então, que a literatura tem sua relação com o real. Ao ler, além de desenvolver a capacidade de compreensão do real, do mundo vivido, a criança tem seu imaginário e sua criatividade ampliada. Cavalcanti (2009, p.31), afirma que a literatura infantil, proporciona uma ponte entre a criança e a descoberta do novo. Seu mundo, que até então era limitado aos ambientes conhecidos e vividos, passa ser mais completo e maduro. “A criança, iniciada no mundo da leitura, é alguém que pode ampliar sua visão do outro, que pode adentrar no universo do símbolo, construir, para si, uma realidade mais carregada de sentido”.(CAVALCANTI, 2009, p.31).

Nas obras de literatura, encontramos paisagens geográficas, passagens históricas bem como a representação de diversos cenários brasileiros. Segundo Silva (2003, p.516) “É justamente na troca de experiências e histórias de leitura que, de fato, ocorre a interação entre textos e leitores”. Sendo assim, podemos afirmar que ao ter contato com as diferentes literaturas, as crianças experimentam culturas e geografias distintas da que está inserida, aumentando seu leque de conhecimentos.

Quando falamos em metodologias para o ensino de geografia, pode-se afirmar que em muitas realidades, professores/as estão em uma constante procura por propostas pedagógicas que mais se aproximem das realidades dos/das estudantes, que seja mais compreensível e faça sentido entre o mundo da sala de aula e o mundo da vida. Utilizando a literatura infantil, como apoio pedagógico

metodológico, é possível criar uma nova forma de ver e pensar mundo a partir de sua leitura. Possibilitando assim, que se faça um ensino real.

A leitura é um ato emancipatório, humanizador, transformador. É de suma importância o contato dos alunos com todos os tipos de texto. Mas, a literatura é a porta de entrada para o mundo. É a maneira como se consegue ver o mundo. É a mesma linguagem da criança, por isso ela se identifica tanto. A literatura estimula a criança a pensar, a ver o mundo, ajuda a se conhecer porque o momento em que ela se identifica com os personagens, vive toda a história na perspectiva da personagem. [...].(PAIM, 2000, p. 104)

A literatura, quando inserida em sala de aula, tem a capacidade de desenvolver criticamente os/as estudantes, proporcionando a criação de opinião própria sobre a sociedade, seja dos fatos naturais ou sociais. Segundo Santos, Silva e Fontes (2017, p. 258), ao utilizar a literatura infantil, as aulas se tornam mais atrativas tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Indo além da potencialização do ensino geográfico, pode contribuir no desenvolvimento da linguagem. As autoras também destacam que “a literatura tem, indubitavelmente, um imenso potencial de promover diversos processos de aprendizagem”.

Segundo Beraldi (2010), a literatura infantil tem para as crianças um papel mediador entre o real e o imaginário. A literatura, proporciona que se experimente novas paisagem, lugares, culturas, ou seja, novas formas de vida. Processo este, que acontece sem se movimentar do lugar onde se está. Segundo a autora, as crianças encontram nas obras literárias, novas formas de ler o mundo. Reconhecendo novos lugares, as crianças vão trazendo interferências para seu próprio lugar e atribuindo novos valores antes desconhecidos para a sua existência.

A Geografia que se busca, ao se trabalhar em conjunto com a Literatura é aquela que não se limita a pensar dentro dos pressupostos cartesianos, onde há uma hipótese, que carece de ser testada dentro de parâmetros pré-estabelecidos, para ser comprovada ou refutada. Ao se analisar uma obra literária tendo em mente a construção da linguagem geográfica em diferentes contextos é possível que se faça uma atividade libertadora de pensar o espaço, a partir de uma leitura que não é somente racional, é atividade que envolve os sentidos, a razão e a emoção. (BERALTI, 2010, p. 5)

Nos anos iniciais do ensino fundamental, a criança tem como objetivo o desenvolvimento de diversas habilidades como a de descrever, comparar e analisar.

Para realizá-las, segundo Beraldi (2010) a criança necessita de repertório. Repertório este, que vem das experiências vivenciadas, de fatos cotidianos, de músicas e também da literatura infantil. A literatura em conjunto com o ensino de geografia nesta fase de ensino, além de promover a interdisciplinaridade, traz a possibilidade de trabalhar com a arte, com o desenho com a linguagem e com a narrativa, o senso crítico das crianças. Nesta junção interdisciplinar, os/as estudantes podem se (re) conhecer na realidade de outros contextos que não o seu próprio.

Se pensarmos em uma forma de expandir os horizontes geográficos, o uso da literatura pode vir a ser um grande aliado. Para Beraldi e Ferraz (2012), a literatura pode trazer consigo diversas maneiras ainda não pensadas de como observar o espaço geográfico, bem como, nas literaturas, encontramos simulações de diversas realidades. Nelas, não encontramos de maneira fragmentada o mundo, mas sim, encontramos realidades cheias de eventos cotidianos e possibilidades de olhares geográficos.

A literatura, é um caminho para aproximar vivências, compreender e aprender sobre detalhes do universo e seus significados, desenvolvendo assim o intelecto infantil. A literatura infantil é composta por um enredo de linguagens e narrativas que dialogam com o espaço infantil, e oportuniza um caminho para atender as necessidades de desenvolvimento intelectual, emocional e racional desta idade.

O uso da literatura infantil como metodologia em sala de aula, além de estimular o gosto pela leitura, se desenvolve a oralidade de cada indivíduo e enriquece seu vocabulário. Para Martins (2015) as narrativas literárias “contribuem ao desenvolvimento intelectual e emocional das crianças e servem como experiências simbólicas de como enfrentar as questões reais do dia a dia, como lidar com o bem e o mal e como vivenciar vitórias e derrotas”. Nos anos iniciais do ensino fundamental, a literatura é um recurso que provoca o imaginário.

Ao contar uma história, a narrativa proporciona a criação de um ambiente que exercita a imaginação, com personagens, sons e cenários que se aproximem da realidade que a criança vivencia. Sendo assim, as histórias podem trazer situações reais do dia a dia, preparando a criança para compreender o que se passa no mundo real. A geografia nesta fase, para Martins (2015, p. 70) “envolve muito mais que solicitar aos alunos/as que façam cópias de mapas, construam maquetes ou o

roteiro de casa à escola”.

Neste sentido, o ensino da geografia nesta fase da escolarização, deve ser mediado com diversas possibilidades didáticas e lúdicas, buscando destacar e explorar a potência das diferentes linguagens imagéticas e narrativas que possam contribuir na construção de conceitos e habilidades para que as crianças compreendam a lógica espacial e geográfica de organização do mundo.

3.2 POSSIBILIDADES DAS HISTÓRIAS INFANTIS E A GEOGRAFIA

Considerando que a combinação entre a geografia e a literatura é uma possibilidade metodológica cativante, neste momento, propomos algumas obras que podem contribuir para criar um novo olhar para trabalhar com os conteúdos e conceitos do ensino da geografia nos anos iniciais. Evidencia-se ainda, que nas obras literárias encontramos representações de noções de espaço-tempo em uma linguagem que respeita o desenvolvimento infantil, além de oportunizar diferentes caminhos para o imaginário das crianças.

Neste subcapítulo, foram selecionadas quatro obras: “O menino que colecionava lugares”, “Abrapracabra!”, “A cidade dos bichos” e “Flávia e o bolo de chocolate”. Nelas, encontramos algumas singularidades em comum, como a possibilidade de serem utilizadas no ensino de geografia dos anos iniciais. Ao longo do capítulo, iremos destacar quais são estas potencialidades e como acreditamos que podem ser trabalhadas nesta relação entre a literatura e a geografia. Será destacado o nome do autor, ilustrador, editora, além de, relatarmos brevemente como esta história se passa e por fim, apontaremos algumas sugestões de como podem ser utilizadas nas aulas do ensino de geografia.

A primeira obra a ser apresentada é intitulada de “O menino que colecionava lugares” (Imagem 1) de autoria de um dos nomes que compõe o referencial teórico deste trabalho, Jader Janer. A obra foi publicada em 2016, conta com ilustrações de Rodi Núñez e foi publicada pela Editora Mediação. De acordo com Janer (2016), o menino que colecionava lugares é um livro que conta “das falas das crianças, de uma criança, de menino que colecionava lugares e de coleções que nos transformam” (p. 37). Ou seja, é um livro feito com base nas vivências infantis, voltado para o público infantil.

Imagem 1 – Capa do livro “O menino que colecionava lugares”.



Fonte: Jader Janer (2016)

A obra conta a história de um menino que adorava caminhar, passear, viajar, andar por diferentes lugares. Levava consigo, uma velha lata antiga de manteiga onde fazia uma coleção de lugares. Na lata, carregava detalhes de lugares por onde tinha passado. Era só ir a um lugar diferente que logo pegava algo e guardava na sua lata. (Imagem 2) Objetos grandes e pequenos e até mesmo sombras, tudo que lhe chamava atenção ia direto para sua lata.

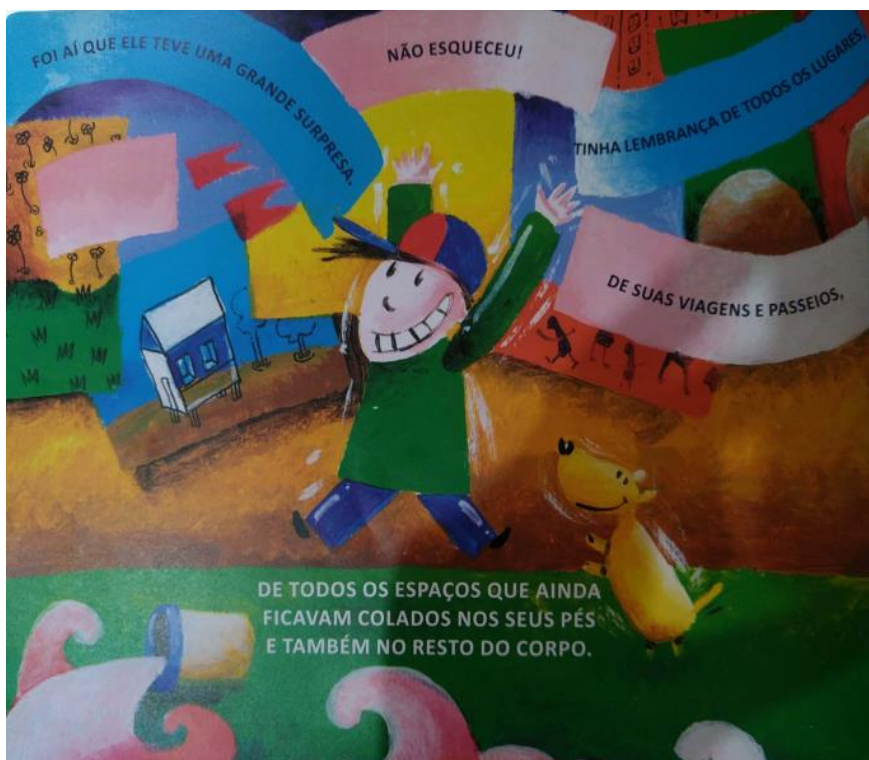
Imagem 2- “O menino que colecionava lugares” guardando os lugares em sua lata de manteiga.



Fonte: Jader Janer (2016)

Mas, o menino começou a refletir, para onde vão todas as coisas que são guardadas na lata? Vendo que sua lata estava cheia, e com a preocupação de não mais encontrar as coisas nos lugares, começou a devolver tudo para seu devido lugar. Percebeu, quer todos esses espaços, coisas, lugares, continuavam consigo e por mais que ele venha a ter mais experiência e conhecer mais lugares, tudo ficava guardado dentro dele. (Imagem 3 e Imagem 4)

Imagem 3- “O menino que colecionava lugares” se surpreendendo em não ter esquecido nada



Fonte: Jader Janer (2016)

Imagem 4-“Gente é lugar!”



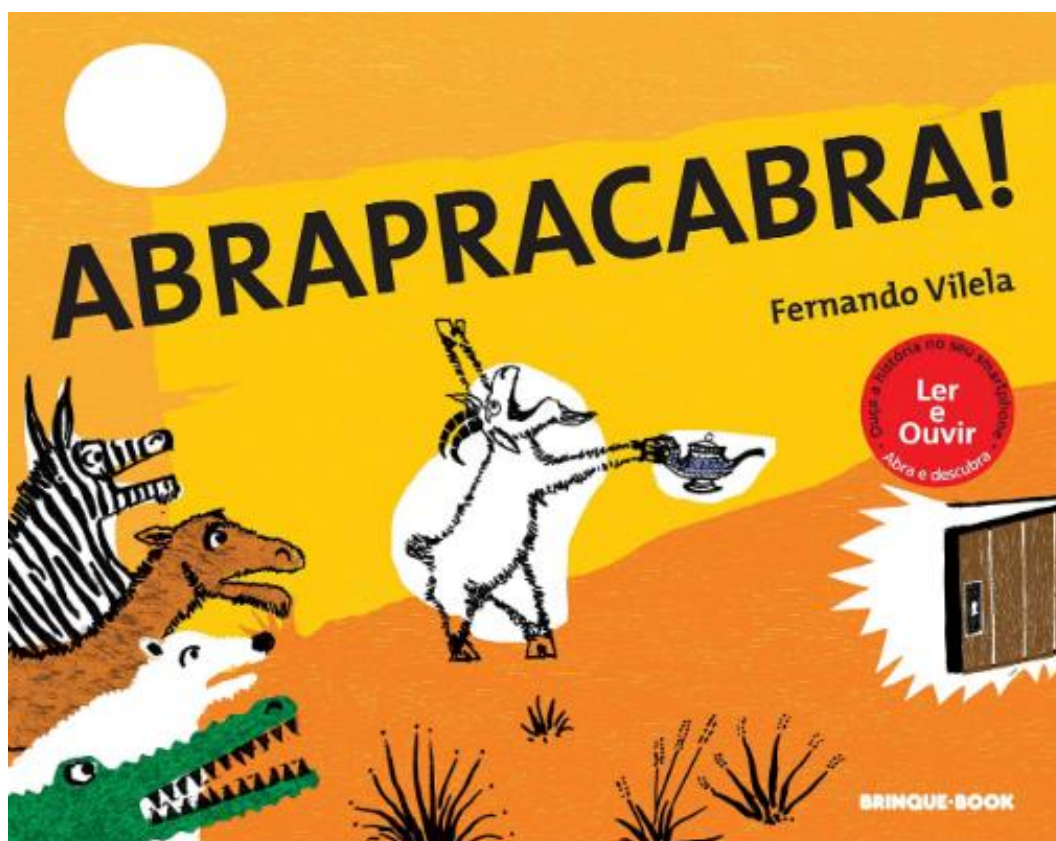
Fonte: Jader Janer (2016)

Fica evidente nesta obra, a presença do conceito geográfico de lugar desde o seu nome “O menino que colecionava lugares”. O autor, por ser geógrafo e pesquisar sobre a geografia da infância, reproduz em sua obra, possibilidades para o trabalho com conceitos geográficos em sala de aula. O livro atende a linguagem infantil e traz ilustrações que com suas formas e cores são estimulantes para o desenvolvimento da a imaginação. Nas aulas de geografia, o livro pode vir a ser um interessante introdutor ao conceito geográfico de lugar.

A próxima obra de literatura a ser aqui destacada é a “Abrapracabra!”, uma história infantil muito divertida de autoria de Fernando Vilela, que é não só o autor mas também o ilustrador. A obra foi escrita publicada em 2012 pela editora Brinque-Book. Além. A obra é toda baseada em cordel, desde seu texto que é todo escrito em quadras rimadas até suas ilustrações, que são xilogravuras, um método utilizado

em do cordel. Sendo assim, encontramos no livro uma grande carga cultural extremamente agregadora para esta fase dos anos iniciais do ensino fundamental.

Imagem 5 - Capa "Abrapracabra!"



Fonte: Fernando Vilela (2012)

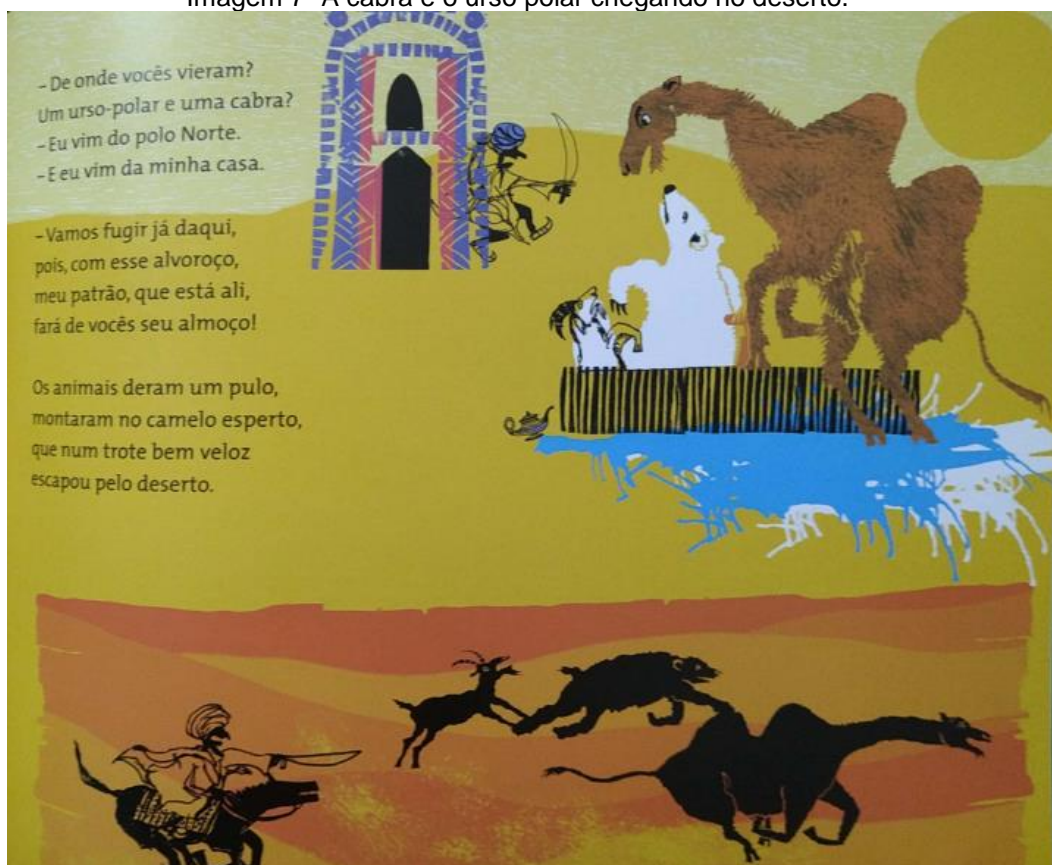
O livro conta a história de uma cabra que vivia no sertão, encontra uma lâmpada mágica e ganha o direito de realizar desejos. A cabra começou então a viajar pelo mundo, era só gritar "Abrapracabra!", que uma porta se abria. Nesta aventura ela encontra alguns desafios e problemas, mas também amigos que passam a viajar com ela. A cabra acaba conhecendo um urso polar (Imagem 6), um camelo (Imagem 7), uma zebra e até um peixe espada, ou seja, diversos animais que habitam em diferentes locais ao redor do mundo.

Imagem 6 – A cabra e o urso polar.



Fonte: Fernando Vilela (2012)

Imagem 7- A cabra e o urso polar chegando no deserto.



Fonte: Fernando Vilela (2012)

Após passar pelo Pantanal, pelo Polo Norte, pelo Deserto do Saara, pelo Oceano Atlântico, pela Savana Africana e pelo Pantanal, a cabra abre uma porta e leva todos seus amigos para seu local de origem, o Sertão Nordeste! Mas, chegando lá, apesar de toda receptividade da cabra (Imagem 8), os animais começam a reclamar. A cabra fica frustrada, pois achou que sua casa era o lugar ideal para todos. Uns sentem sede, outros precisam de água para viver, já para alguns o calor faz falta (Imagem 9). A cabra então, resolve abrir cinco portas diferentes e enviar todos de volta para sua casa. Quando batia a saudade, com sua lâmpada mágica lá ia ela visitar os amigos.

Imagem 8 – Cabra recebendo os amigos no Sertão Nordestino



Fonte: Fernando Vilela (2012)

Imagem 9- Cada animal precisando do seu lugar



Fonte: Fernando Vilela (2012)

A obra literária, além de ter todo seu charme desde as ilustrações até a maneira em que é escrita, pode proporcionar as aulas de geografia uma cativante narrativa que pode aguçar ainda mais a curiosidade infantil sobre os diversos lugares que encontramos no mundo. Através desta viagem da cabra, a criança tem contato com seis locais diferentes. Nelas, pode-se propor reflexões sobre o clima local: como os animais se sentem no deserto? Além disto, reflexões sobre que tipo de animais se encontra em cada clima. As ilustrações, servem de apoio para uma reflexão sobre as paisagens, vão de acordo com o clima? Encontramos paisagens similares entre o Deserto e o Polo Norte? Qual o motivo?

Além disso, pode-se explorar a criatividade infantil para imaginarem outros locais, em que a cabra ainda não visitou e que poderia visitar. Quais amigos ela poderia encontrar lá? Qual paisagem? Ela passaria frio? Calor? No final do livro, encontramos uma interessante ferramenta que deixa a história ainda mais geográfica, um mapa que mostra por onde a cabra passou o quais são as características destes lugares (Imagem 10).

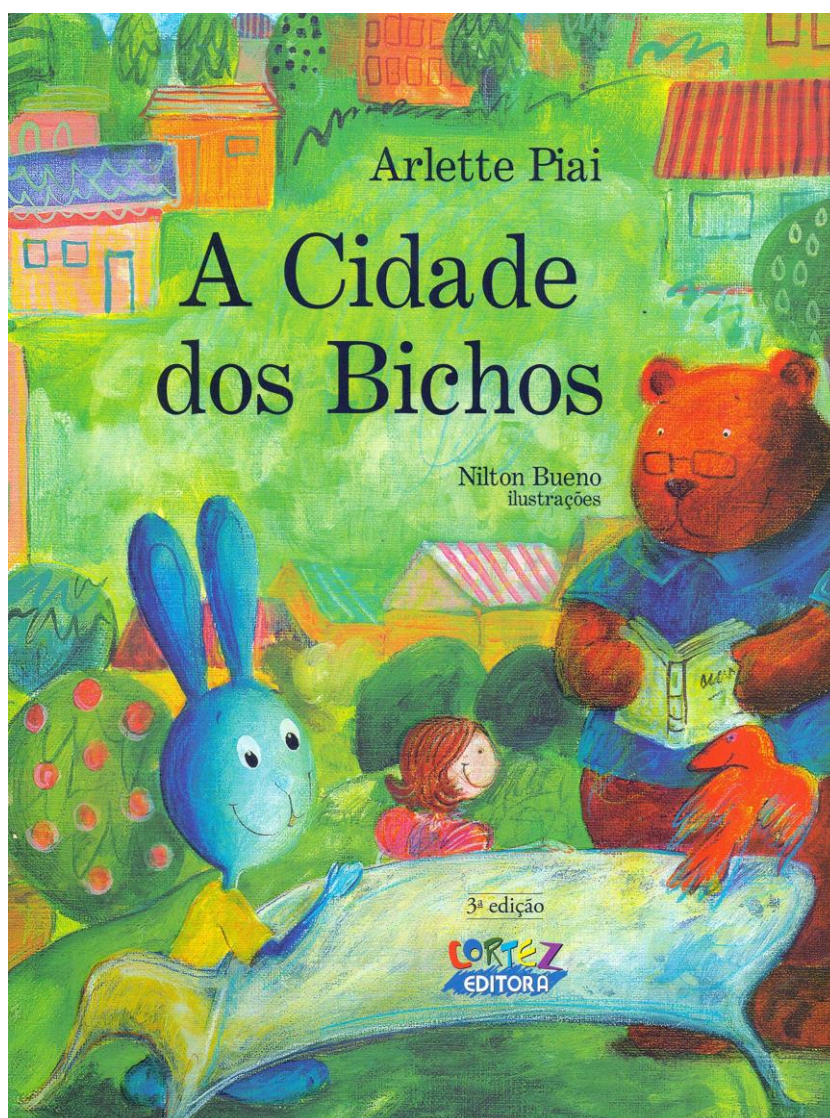
Imagem 10 – Por onde a cabra viajou?



Fonte: Fernando Vilela (2012)

Outra obra literária a ser aqui destacada é intitulada de “A cidade dos Bichos” (Imagem 11), de autoria de Arlette Piai e com ilustrações de Nilton Bueno. Sua publicação ocorreu no ano de 2010 pela editora Cortez. Através da cidade dos bichos, Piai (2012) destaca que esta cidade, que é um sonho, uma imaginação do mundo infantil, possa vir a chegar a ser real através das transformações que podem vir a ocorrer por quem hoje são nossas crianças.

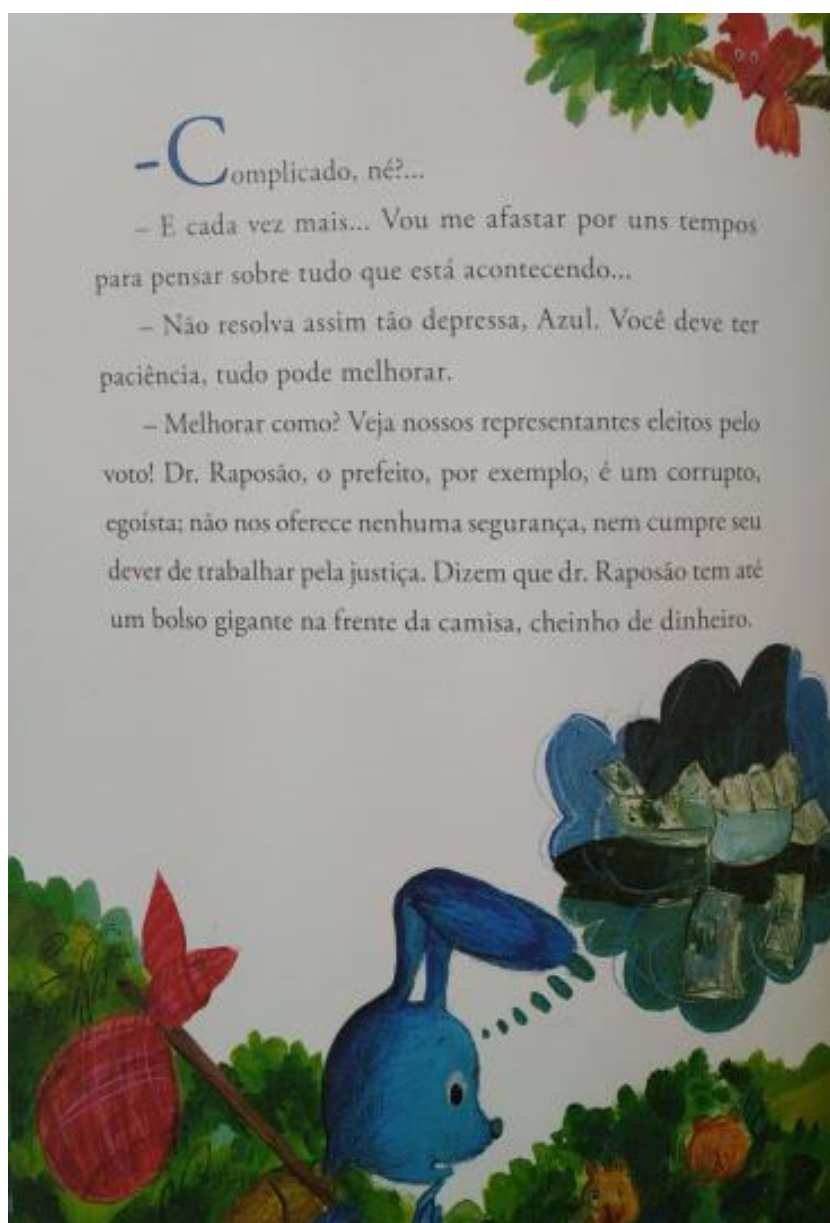
Imagem 11 – Capa do livro “A cidade dos Bichos”



Fonte: Arlette Piai (2012)

A história começa com um coelho, o Azul, que já não aguenta o lugar em que está morando, lá na sua cidade, a cidade dos bichos, não se encontrava mais segurança nem tranquilidade. O prefeito, Dr. Raposão, não cumpria suas promessas e ainda por cima era corrupto. Sendo assim, diante desta situação, azul foi morar lá no alto (Imagem 12). Mas, a cidade dos bichos só piorava, os moradores viviam com medo, e os governantes nada faziam para mudar aquela situação (Imagem 13).

Imagem 12- Azul saindo da cidade.



Fonte: Arlette Piai (2012)

Azul, o coelho, após ter conhecido dois amigos muito inteligentes, a formiga e o urso comedor de livros, resolveu voltar a cidade. Seus amigos tinham muitas ideias que pareciam ser a solução para aquele lugar! Seus pais, fizeram uma festa para a sua volta e convidaram todas da cidade. Nesta festa, Amanda, a formiga, resolveu contar um pouco de como era a sua cidade, o formigueiro.(Imagem 13). Os moradores, ficaram encantados com a organização, a cooperatividade, a segurança e a tranquilidade que Amanda relatava.

Imagem 13 – Amanda, a formiga, contando como é a vida no formigueiro.



“N a nossa sociedade há uma coisa chamada hierarquia. Assim, numa primeira classe social existem as rainhas e os reis. Eles são muito amados, pois cumprem com muita competência a função de garantir o que há de mais sagrado no mundo – A VIDA. Garantem também o nascimento de outras gerações de formigas. Uma segunda classe social é a polícia, formada pelas operárias-soldados. Elas são as leais responsáveis pela nossa segurança pessoal e também pela segurança da nossa comunidade. Leais, nunca abusam do

Fonte: Arlette Piai (2012)

Todos os animais, ficaram animados em ter uma sociedade melhor e começaram a perceber que juntos poderiam colaborar para criar uma cidade tão boa quanto o formigueiro. Mas, havia uma pessoa ali que não estava gostando nada desta conversa, o prefeito. O prefeito, chamou Amanda, a formiga de insignificante, disse a ela que parasse já com suas ideias mirabolantes de sociedade cooperativa e chegou até a expulsá-la de sua cidade. Os moradores não gostaram nada disso, e foram em defesa de Amanda. No meio de toda essa confusão, uma surpresa, Dr. Raposão caiu no chão e sua camisa se abriu, lá de dentro caiu tanto dinheiro que os

moradores conseguiram encher três baldes inteiros e cinco bacias enormes. (Imagem 14)

Imagem 14- Dinheiro caindo de dentro da camisa do prefeito, Dr. Raposão.

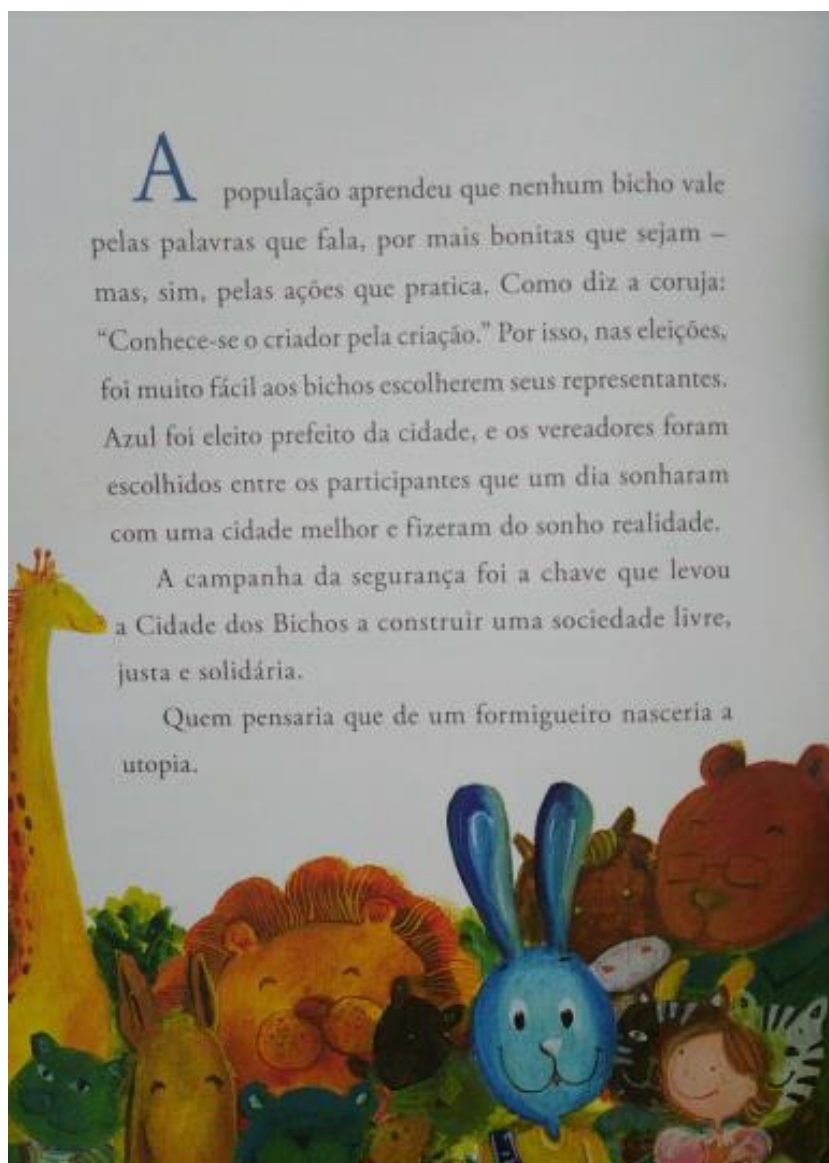


Fonte: Arlette Piati (2012)

Como todo aquele dinheiro era ilegal, o prefeito tratou de sair correndo. Os animais, puderam então conversar sobre o que vinha ocorrendo ali. Decidiram então, aprender a se reorganizar e construir juntos uma cidade mais justa, com menos violência e mais segurança a todos, (Imagem 15). Por fim, Dr. Raposão e os outros animais que bagunçavam a cidade com violência, foram privados da liberdade e lá

reeducados para que pudessem voltar a viver na cidade dos bichos.

Imagem 15- Uma nova “Cidade dos Bichos”



Fonte: Arlette Piai (2012)

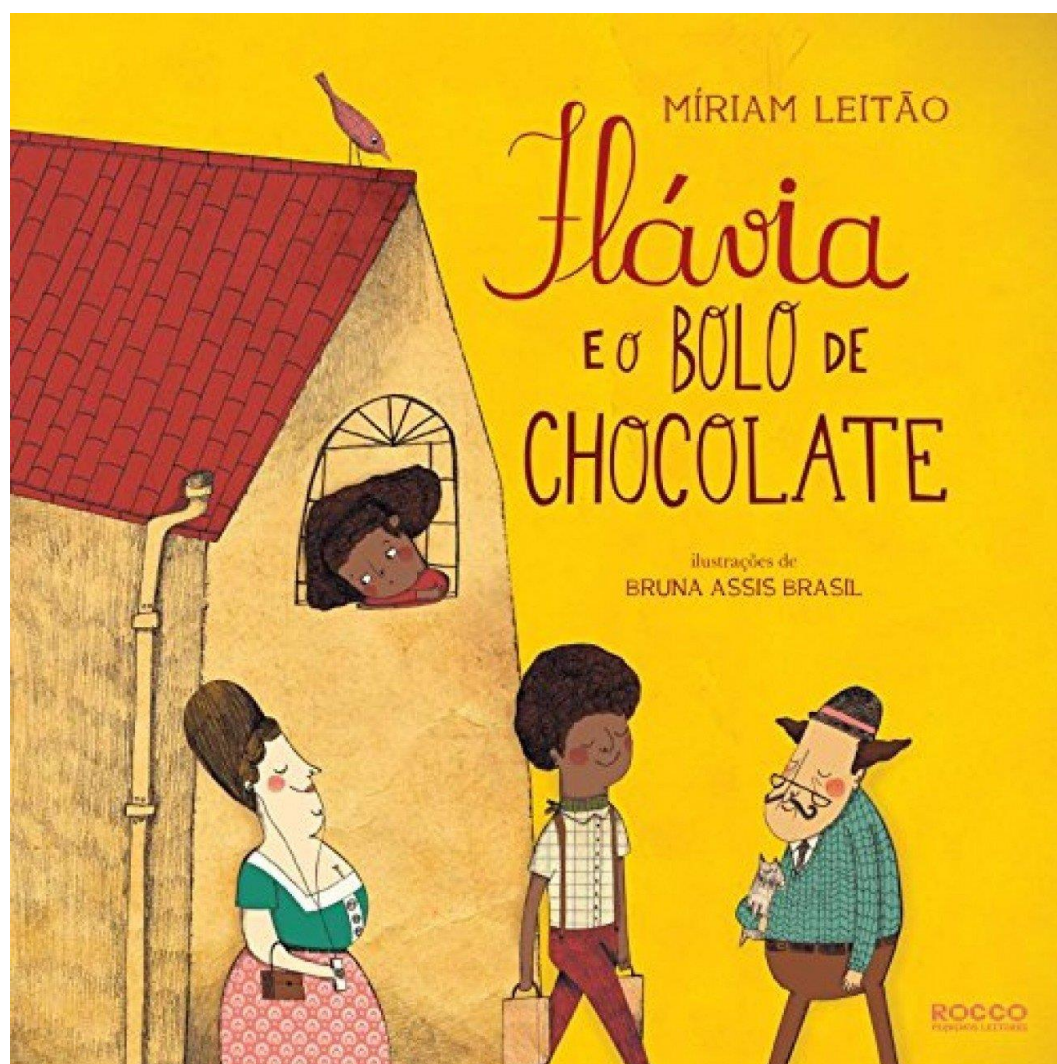
Apesar de o texto encontrado nesta obra ser um pouco mais longo, ele nos permite trazer discussões muito interessante para as aulas de geografias dos anos das séries iniciais do ensino fundamental. A cidade dos bichos, nos traz em sua narrativa, a descrição de uma cidade que pode ser muito parecida com a que muitos de nós vivemos, onde a violência e a corrupção fazem parte do nosso cotidiano. Ainda na obra, encontramos lições de cidadania, de como nós cidadãos podemos e devemos cobrar nossos governantes, bem como, devemos expor nossas ideias e opiniões buscando sempre o melhor para a sociedade.

Com a literatura em sala de aula, temos diversas oportunidades para discussões e possibilidades de trabalho. É importante questionar se as crianças compreendem como é realizada a gestão das cidades, até o fato de que elas são moradores da cidade e tem direitos e deveres. Compreender como funciona a cidade e que nela estamos todos/as inseridos, é um importante passo para que as crianças compreendam que são também modificadoras deste espaço. Que tem voz, que fazem parte e constroem este espaço coletivo. Ainda na obra, encontramos em partes da narrativa citações a constituição federal, dando assim brecha para explicar o que é este documento tão importante para as crianças. Importante que todas estas discussões precisam ser trabalhadas a partir de uma linguagem apropriada para a faixa etária, possibilitando sua maior compreensão.

Por fim, a narrativa traz uma importante discussão sobre privação de liberdade. Destacando como estes espaços, quando utilizados para educar e recuperar estes cidadãos podem reverter o caminho de uma pessoa, possibilitar a ela uma nova vida. Sendo assim, consideramos está uma obra com grande potencialidade para discutir diversos assuntos sobre nossa sociedade e com uma linguagem adequada ao infantil, e com seus personagens, os animais, possibilita que a criança use seu imaginário para compreender um assunto denso.

“Flávia e o bolo de chocolate” é uma narrativa escrita por Miriam Leitão, com ilustrações de Bruna Assil Brasil. (Imagem 16) O livro foi publicado pela editora Rocco Pequenos Leitores, no ano de 2015. Miriam Leitão é um conhecido nome na área da literatura infantil, a autora já indicada ao Prêmio Jabuti, assim como, a ilustradora Bruna Assis Brasil. Nesta obra, vamos encontrar uma narrativa que traz a uma possibilidade de discutir a população brasileira.

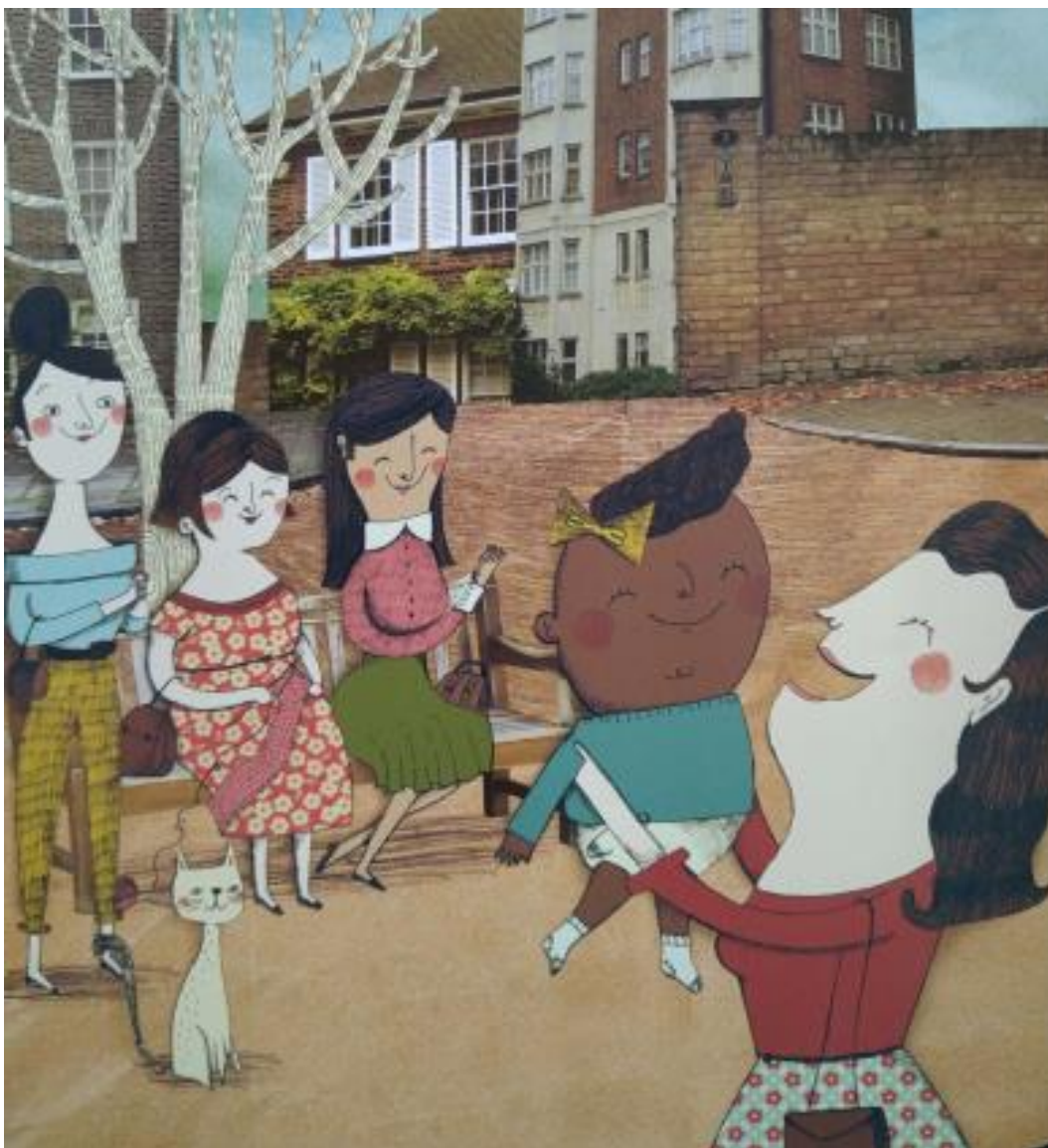
Imagem 16 – Capa do livro “Flávia e o Bolo de Chocolate



Fonte: Míriam Leitão (2015)

Rita sempre quis ter uma filha, mas nunca conseguia. Sendo assim, adota uma menina, a Flávia. Flávia era uma menina linda desde bebê, todos os vizinhos e amigos de Rita admiravam a beleza da menina. (Imagem 17). Mas, havia um pequeno detalhe, as duas eram muito diferentes. Para Rita, não havia problema nenhum nas pessoas serem diferentes, já uma vizinha vivia lhe falando: ela não é sua filha, não tem nada a ver com você.

Imagem 17- Pessoas admirando Flávia



Fonte: Míriam Leitão (2015)

Flávia cresceu, se tornou uma menina muito inteligente e curiosa com as coisas do mundo. Sua curiosidade era tanta, que começou a reparar em tudo e percebeu que algumas coisas eram muito parecidas, enquanto algumas eram muito diferentes. Na sua cabeça, ela queria ser igual a sua mãe. (Imagem 18), Rita, sua mãe, busca destacar as características especiais de Flávia, destacando que ela não precisava ser parecida com ninguém. Até porque, todas as coisas e pessoas tinham detalhes que as faziam ser diferentes umas das outras, até mesmo irmãos gêmeos eram diferentes em determinadas características.

Imagem 18- Flávia queria ser igual a mãe.



Fonte: Míriam Leitão (2015)

Rita, passa a explicar para Flávia que no Brasil, existem muitas pessoas diferentes, alguns tem a pele escura, alguns a pele clara, alguns cabelos lisos, outros cabelos enrolados e é por isso que o Brasil é um país tão lindo, pois aqui, cada um tem suas características pessoais e físicas, (Imagem 19). Por fim, a mãe explica que não existe ninguém melhor nem pior, e sim diversas pessoas diferentes com seus jeitos legais de ser e se amar. (Imagem 20).

Imagem 19- Diversos tipos de pessoas.



Fonte: Miriam Leitão (2015)

Imagem 20 – Rita ensinando Flávia sobre as diferenças raciais.



Fonte: Míriam Leitão (2015)

A história de Rita e Flávia, pode ser uma possibilidade interessante para trabalhar nas aulas de geografia sobre a questão da população. A narrativa e as imagens apresentadas na história, podem servir para explorar com as crianças as diferenças raciais que encontramos em nosso país. O livro, destaca sempre a diversidade aqui existente e como estas diferenças são importantes para a constituição da nossa sociedade.

Existem ainda outras temáticas que podem ser exploradas nesta história, como por exemplo a adoção de Flávia, a organização de diferentes formatos das famílias e a questão da chamada “família tradicional”, formada por pai e mãe. Sabemos que muitas crianças são cuidadas por diferentes grupos familiares e que também tem responsabilidades, amor e cuidado com estas crianças e jovens.

A questão racial é um tema importante que pode ser abordado com esta obra.

Em um trecho da história, Flávia destaca que gostaria de ser “branquinho igual a mãe”, considerando a pressão social que passava por ter a cor da pele diferente da sua mãe. Assim, é possível propor discussões sobre as diferenças raciais e sobre o respeito às diferenças em nossa sociedade.

Buscou-se então neste trabalho, destacar e detalhar algumas histórias de literatura infantil que podem ser usadas para o ensino de geografia nos anos iniciais. É importante ressaltar que existem outras tantas possibilidades de histórias de literatura infantil que podem ser utilizadas nas aulas para movimentar os diferentes conceitos e conteúdos da geografia. Escolhemos somente quatro para ir ao encontro de um dos objetivos centrais que é discutir a possibilidade metodológica que o uso das obras de literatura pode proporcionar. Obras essas que podem auxiliar o professor em sala de aula para desenvolver um olhar geográfico envolvendo os mais diversos temas, e ainda, desenvolver e valorizar a imaginação das crianças.

4 “O LUGAR DE CATARINA”: UMA PROPOSIÇÃO DE LITERATURA INFANTIL VOLTADA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAS

Após feito um levantamento bibliográfico que buscou analisar a importância do ensino de geografia nos anos iniciais, bem como, a literatura infantil como um importante dispositivo metodológico de ensino, este capítulo apresenta a proposição de história de literatura infantil de minha autoria. História esta, que terá como foco o conceito de lugar, tendo em vista que este conceito é considerado chave para compreensão da criança sobre onde vive e qual seu lugar no mundo. Primeiramente, serão expostos os caminhos que levaram até a construção desta história, delimitando o tema central e dialogando sobre a construção dos personagens.

Por fim, será apresentada a história denominada “O lugar de Catarina”. De autoria própria com ilustrações Bruno Bachmann, a obra conta a história de uma menina que desenha todos os lugares por onde passa em seu caderno, com medo de esquece-los e um dia acaba perdendo este caderno. A história, tem como objetivo agregar nas aulas de geografia dos anos iniciais, proporcionando com que as crianças consigam com a sua imaginação e com uma linguagem adequada ao infantil, compreender o conceito de lugar.

4.1 TRAJETORIAS DA ESCRITA

Durante minha trajetória acadêmica, vivenciei no Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia – LEPEGEO, diversas experiências dentro de instituições de ensino públicas na cidade de Florianópolis. Dentre estas experiências, foi em uma oficina voltada para os anos iniciais do ensino fundamental, que a ideia de propor uma história de literatura infantil surgiu. Na oficina vivenciada, utilizamos um livro para trabalhar sobre os refugiados. Apesar de este nome parecer algo tão distante e desconhecido para as crianças em um primeiro momento, após a leitura da história, eles passaram a compreender com facilidade do que se tratava o assunto e até mesmo conseguiram fazer ligação com o tema e o seu cotidiano, destacando que conheciam refugiados que moravam em seu bairro, ou que sabiam que em certo mercado que sempre iam com os pais trabalhavam alguns destes refugiados.

Surgiu então, a curiosidade de compreender como o processo da literatura

como facilitadora na compreensão de temas complexos, como os refugiados, funcionava na infância. Após uma pesquisa teórica, passei a ver como a literatura pode proporcionar outros olhares geográficos, aproximando-se das crianças por meio das imagens, da imaginação e principalmente da linguagem com que trabalhava os assuntos. Sendo assim, junto com estas pesquisas, foi se aproximando a fase de iniciar um projeto de pesquisa, que hoje, está se tornando este trabalho de conclusão de curso.

Ao pensar sobre os diversos temas que poderia vir a explorar, a literatura sempre estava ali presente. Continuando as atividades com os anos iniciais, fui percebendo que muitas daquelas crianças tinham dificuldades que compreender o mundo, de compreender escalas de análise. Conforme ia acompanhando as aulas e como estavam se desenvolvendo, percebi que na realidade, eles tinham dificuldades de compreender qual era o seu lugar. O conceito de lugar, como vimos nos capítulos anteriores, é o principal conceito norteador da geografia dos anos iniciais. Compreendendo o lugar aonde vive, a criança se reconhece como agente construtor do espaço e consegue compreender com maior facilidade que o local ao qual está inserida está dentro de um maior, o mundo. A criança consegue fazer uma leitura do mundo.

Sendo assim, surgiu a ideia de criar e organizar uma história que trouxesse o conceito de lugar para o mundo infantil, com uma linguagem adaptada para valorizar a imaginação das crianças, potencializando assim o ensino de geografia nos anos iniciais. Antes de iniciar a escrita da história, buscou-se compreender por meio de uma revisão bibliográfica as definições do conceito de lugar e especificamente compreender o conceito de lugar nos anos iniciais do ensino fundamental para que fosse construído de maneira adequada a literatura geográfica.

Com isso, iniciamos a escrita da história, que foi nomeada como “O lugar de Catarina”. (Anexo 1 e Anexo 2) Catarina é a personagem principal da literatura e é por meio dela que se busca uma aproximação com as crianças. A personagem foi pensada de modo com que representasse os/as estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas, ou seja, nas ilustrações tentamos representar uma criança com características brasileiras, que são as crianças que ocupam os espaços aonde este livro busca chegar.

Outra personagem que encontramos no livro é a avó de Catarina. No enredo, a menina mora com sua avó e é ela a principal responsável pelos seus cuidados. Em

uma cena na qual a menina precisa de apoio emocional, é a avó que ajuda Catarina. Ter a avó como sua principal cuidadora, foi outro fato pensado e desenvolvido buscando representar as crianças das escolas públicas, muitas vezes, a estruturação familiar que as crianças apresentam são a criação pelas avós. Se não total, mas em boa parte do tempo, esta é a principal figura afetiva de muitas crianças.

Por fim, a história se passa em uma área urbana, mas traz características de uma comunidade, como as crianças brincando juntas na rua, o reconhecimento entre os vizinhos, uma escola do bairro e até mesmo uma praça. Elementos naturais como flores e árvore são presentes e buscam trazer características simples, mas marcantes dos lugares. Mostrando para as crianças, que as sensações fazem parte dos lugares e que estes são também construídos por elas.

4.2 O LUGAR DE CATARINA

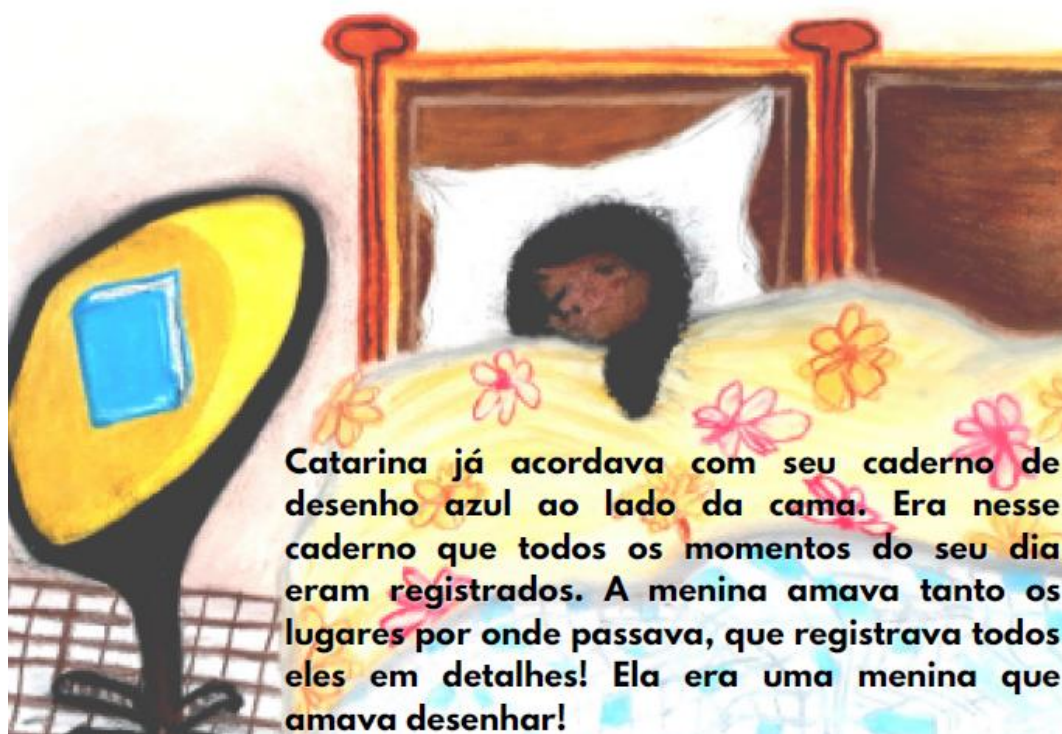
“O lugar de Catarina” (Imagem 21) conta a história de uma menina que tinha uma mania peculiar, desenhar todos os lugares por onde passava. Estes registros eram feitos em um caderno azul, que a acompanhava para lá e para cá. O caderno estava presente em todos os momentos do seu dia, desde a hora que acordava até a hora de dormir, ele sempre estava do seu lado. Nele, ela gostava de registrar através de desenhos detalhados os lugares por onde passava e os sentimentos que eles passavam a ela. (Imagem 22).

Imagem 21 – Capa do livro “ O lugar de Catarina”



Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

Imagem 22 – Catarina em seu quarto com o caderno azul ao lado

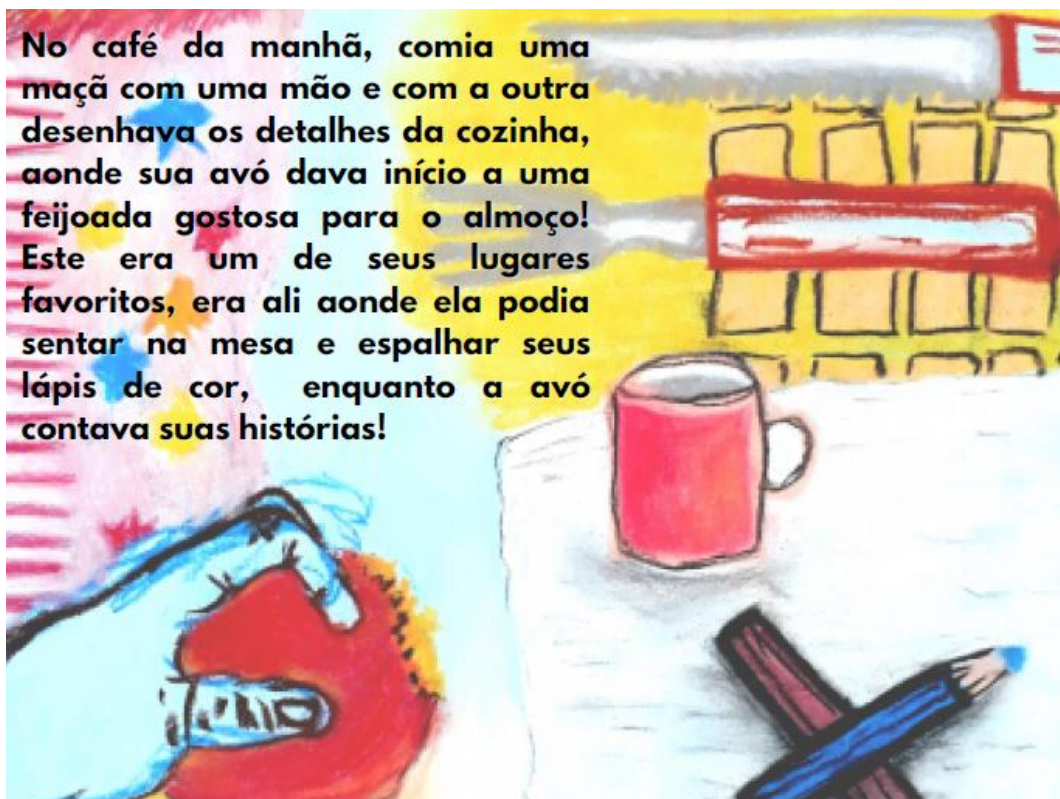


Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

Ao acordar, Catarina pegava seu caderno e se deslocava até a cozinha. Lá, ela encontrava sua avó, com as tarefas de preparo do café e do almoço. Para ela,

esse momento era muito prazeroso pois lá podia espalhar seus lápis e iniciar seus desenhos, enquanto tomava seu café da manhã. Catarina começava seu dia representando os detalhes que encontrava na cozinha em seu caderno.

Imagem 23 – Catarina desenhando na cozinha



Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

O enredo, que se passa em uma comunidade, apesar de estar localizada em uma cidade urbana, ainda carrega característica como o brincar na rua. Até mesmo em meio a brincadeira, a menina registrava os detalhes daquele momento. Seus amigos achavam um pouco estranho, mas gostavam de acompanhar os desenhos que ela produzia. Para eles, esta era uma forma de ter os momentos de suas infâncias registrados. (Imagem 24).

Imagem 24 – Registros de Catarina sobre as brincadeiras na rua



Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

As cores e formas que encontrava pelo caminho, entre sua casa e a escola, chamavam sua atenção e também ganhavam registros. Um exemplo é a casa da dona Maria, sua vizinha, que tinha como cor o azul. Além do azul, a casa tinha flores cor de rosa, que formava um lindo contrastaste com o azul. Catarina gostava da sensação que este contrasta trazia a ela e registrava estes detalhes no seu caderno. (Imagem 25). Na volta da escola, passava por uma praça que em seu centro tinha uma linda figueira. A menina gostava de observar a árvore e como os passaros nela ficavam. E é claro, isso era um belo tema para seus desenhos, afinal, ela gostava muito de estar ali. (Imagem 26). Outro detalhe por ela detalhado são as noites no seu quintal de casa e como o céu parece ser mágico. (Imagem 27).

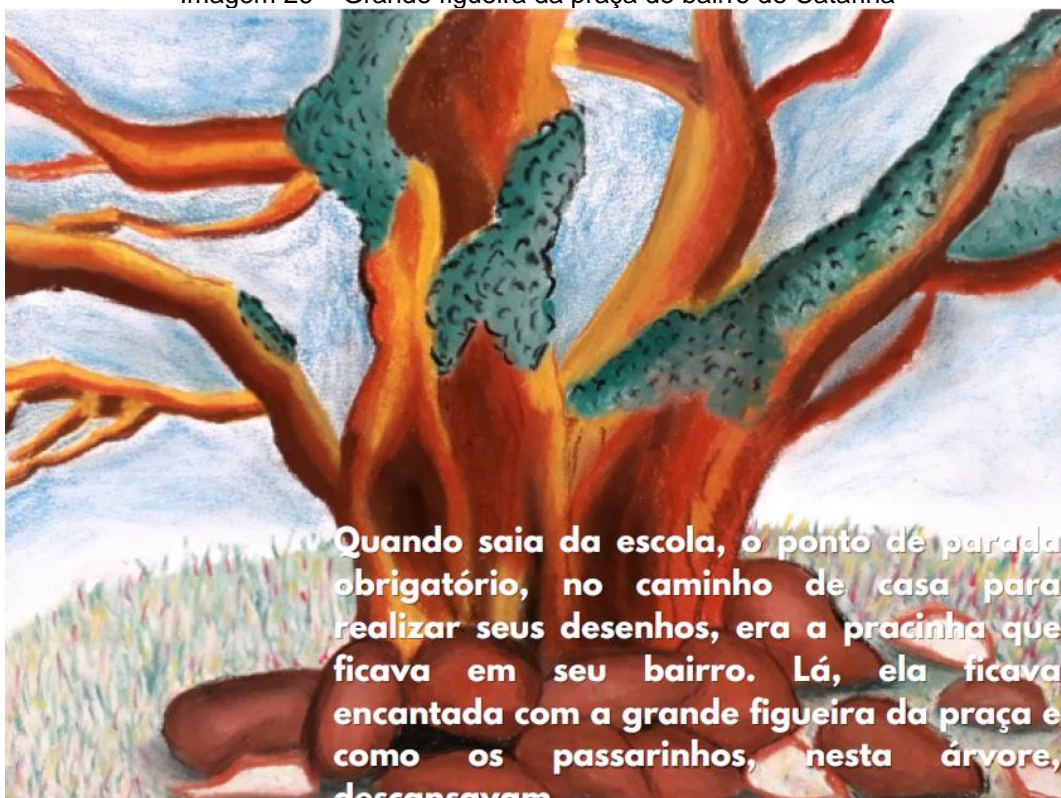
Imagem 25 – Registros da casa de dona Maria, vizinha de Catarina



No caminho para escola, ia descendo a rua a menina Catarina e seu caderno azul! Ahhhh, as flores vermelhas da casa azul da dona Maria, faziam para ela um contraste deslumbrante! Lá ia Catarina, com seus caderno registrando tamanha beleza.

Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

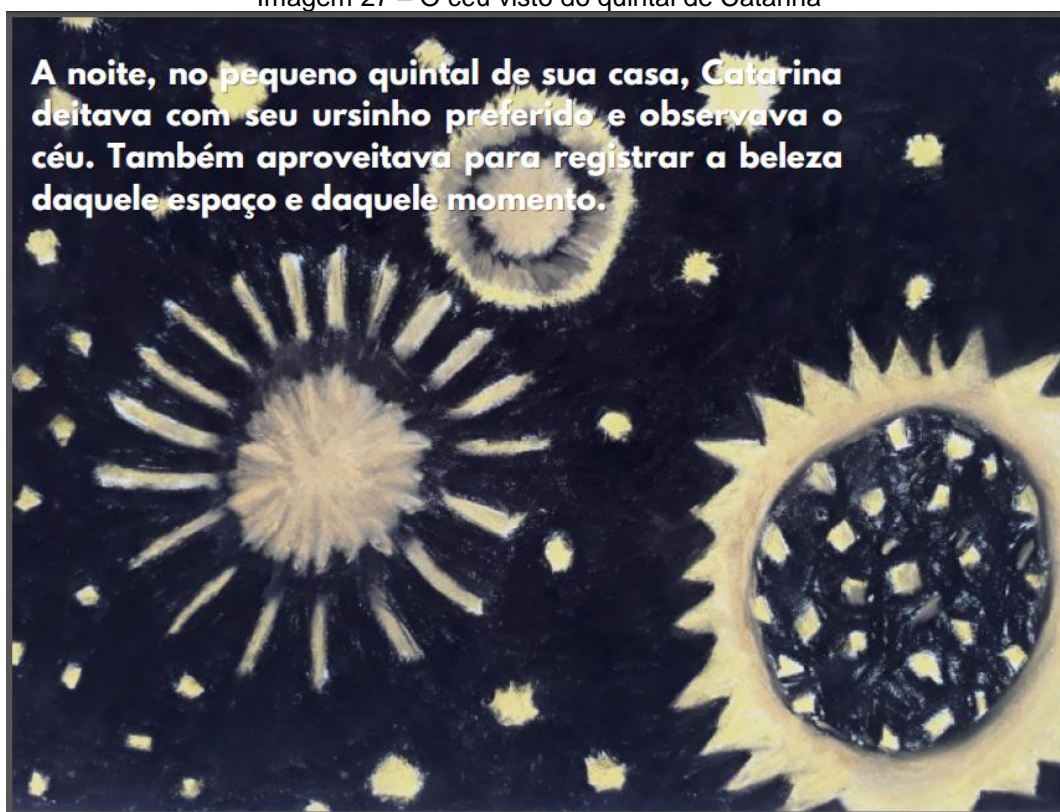
Imagem 26 – Grande figueira da praça do bairro de Catarina



Quando saía da escola, o ponto de parada obrigatório, no caminho de casa para realizar seus desenhos, era a pracinha que ficava em seu bairro. Lá, ela ficava encantada com a grande figueira da praça e como os passarinhos, nesta árvore, descansavam.

Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

Imagem 27 – O céu visto do quintal de Catarina



Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

Mas, o que Catarina não esperava é que um dia ao acordar e procurar seu caderno, para começar o seu dia não iria achá-lo. Catarina ficou então muito triste e correu para sua cuidadora, sua avó. Em seu colo, a menina começou a questionar a avó sobre como iria fazer para lembrar de todos os lugares e todos os momentos que havia registrado. Sua tristeza maior neste momento, não foi ter perdido os desenhos, mas sim, não poder relembrar dos lugares, momentos e sensações que viveu. (Imagem 28).

Imagem 28 – Catarina perdeu seu caderno e temia perder a memória dos lugares registrados



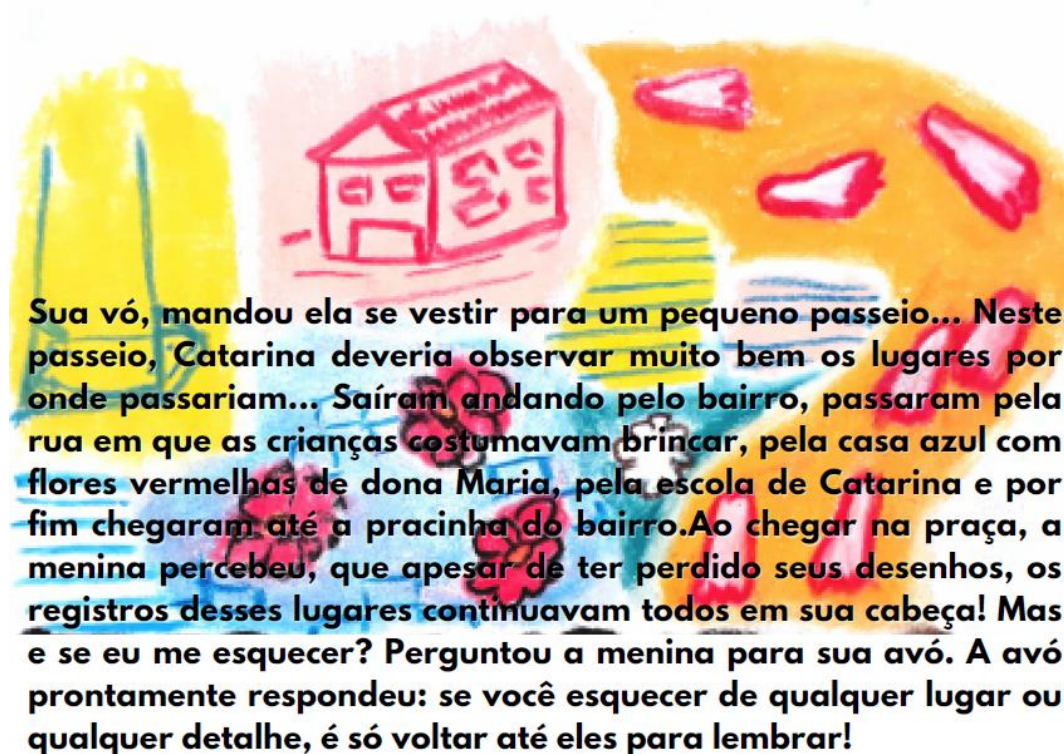
Um dia, ao acordar, quando foi pegar seu caderno para ir a cozinha comer, como era de costume, Catarina teve uma grande surpresa: o caderno não estava ali! A menina então, correu para os braços de sua avó e inconformada se questionava: como era possível perder todos os registros dos lugares aonde passou? Na verdade, o medo da menina era que junto com os registros, ela perdesse também a memória daqueles lugares...

Como seria sua vida sem as coisas tão lindas que viu?

Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

A avó de Catarina, sugeriu que saíssem para um passeio. A menina sem muito entender, ouviu sua avó. As duas saíram pelo bairro, passaram pela rua no qual as crianças continuavam a brincar, pela casa azul com flores que continuavam rosa, pela escola de Catarina e por fim chegaram até a praça do bairro. Na praça, encontraram a grande figueira e os pássaros repousando. (Imagem 29). Com o auxílio da avó, a menina começou a perceber que todas as coisas da qual gostava e registrava em seu caderno, continuavam ali, esperando para serem revisitadas.

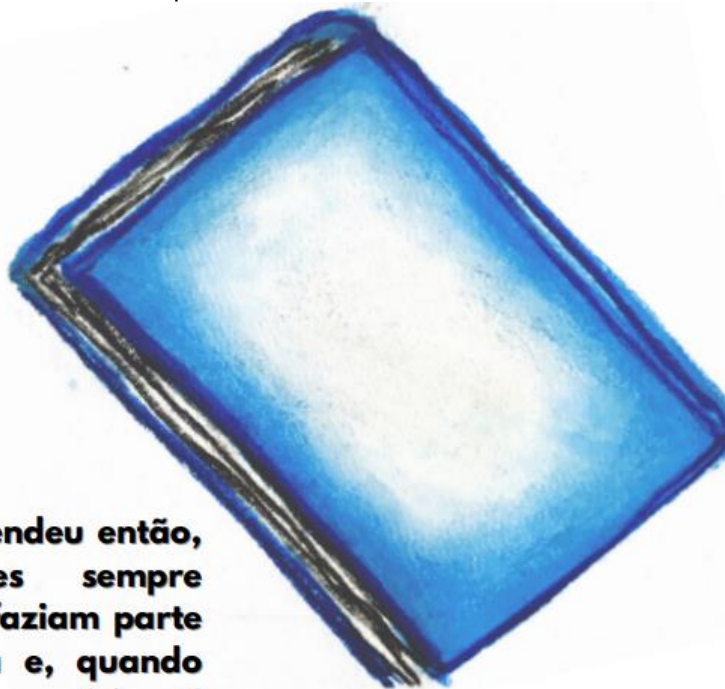
Imagem 29– Catarina percebendo que podia revitar os lugares que desenhava



Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

Com o auxílio de sua avó, a menina começou a perceber que seus registros em forma de desenho continuavam vivos em sua memória e que caso ela viesse a esquece-los era só voltar até os lugares e revive-los. Chegando ao fim, a história reafirma então, que os lugares que Catarina registrava, estariam sempre ali, eles faziam parte de sua história, do seu dia a dia. Outro ponto destacado, é a possibilidade de voltar sempre até eles para matar a saúde e reviver os sentimentos que eles traziam a ela. (Imagem 30).

Imagem 30 – No fim do livro, se conclui que para matar a saudade dos lugares, basta voltar até eles para reviver as experiências construídas



A menina compreendeu então, que os lugares sempre estariam ali. Eles faziam parte do seu dia a dia e, quando sentisse saudade, era só ir até lá.

Fonte: Gabrielle Luana Rosinski (2021)

A história, tem como objetivo auxiliar no ensino do conceito de lugar nas aulas de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Por meio da história, busca-se fazer com que as crianças criem uma proximidade com Catarina e se vejam em seu lugar, brincando, frequentando a escola, a praça do bairro. A história, que se passa ao redor dos lugares nos quais a menina vive e se constroem, busca fazer com que as crianças compreendam que também possuem lugares e que estes estão ali para serem vividos e sentidos.

Acima de tudo, a história busca passar uma mensagem de que os lugares, apesar de coletivos, são construtores de nossas histórias individuais. Neles, criamos experiências únicas, que auxiliam na construção da nossa subjetividade. As sensações e sentimentos que estes lugares nos trazem, ficam guardadas em nossa memória, e os espaços físicos, em boa parte das vezes, estão disponíveis para ser revisitado e neles se criarem novas narrativas.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa, desenvolvida como Trabalho de Conclusão do curso de Geografia Licenciatura do Centro de Ciências Humanas e da Educação FAED/UDESC, teve como principal objetivo analisar o impacto da literatura infantil na compreensão de conceitos geográficos como de lugar nos anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, buscamos compreender qual o papel do ensino da geografia para a aprendizagem dos/das estudantes dos anos iniciais; discutir a cerca do conceito de lugar como espaço vivido e construído pela criança; além de destacar as potencialidades da literatura infantil para a aprendizagem de diferentes conceitos geográficos nos anos iniciais. E como ponto chave do trabalho, foi proposta a organização de uma história infantil que trabalhava o conceito geográficos de lugar e pode vir a ser aplicada nos anos iniciais do ensino fundamental, potencializando o ensino desta fase.

Como caminho metodológico, esta pesquisa buscou seguir um caráter qualitativo, baseando-se em uma pesquisa bibliográfica, além de, seguir um viés propositivo considerando que em seu desfecho teve como produto final uma literatura infantil autoral. Metodologicamente, este trabalho se organizou com um sólido referencial teórico, seguido de uma seleção de histórias infantis que traziam geograficidades em seu enredo e foi finalizado com uma história que trazia em seu diálogo o conceito de lugar.

Em um primeiro momento, neste trabalho, buscou-se compreender como ocorreu a institucionalização da ciência geográfica no Brasil, tendo em vista que é necessário compreender a relação entre a ciência geográfica e o ensino de geografia, pois é a partir do momento em que a geografia se consolida no Brasil, que o seu ensino também se estrutura como uma disciplina escolar. Compreendendo como a geografia se tornou uma disciplina escolar, conseguimos discutir como está organizada nos anos iniciais do ensino fundamental e qual a sua importância como campo de conhecimento importante na escolarização das crianças. Com isso, destacamos a importância dos conteúdos e conceitos trabalhados na fase de alfabetização das crianças tenham ligação com suas vivências e como o ensino de geografia possibilita a conexão entre a leitura das palavras e a leitura do mundo.

Compreendendo que o ensino de geografia nos anos iniciais é um importante caminho para a leitura do mundo no qual a criança está inserida, neste trabalho,

escolheu-se trabalhar com o recorte do conceito de lugar. Por meio de estudos bibliográficos, conclui-se que o conceito de lugar é um importante estruturador do pensamento geográfico. É por meio dele que se compreende o pertencimento a um espaço e conseqüentemente a um todo. Para os/as estudantes e principalmente para as crianças estudar e compreender o lugar tem um significado de construção de sua identidade e sua vinculação a um determinado espaço.

Buscou-se ainda, discutir a literatura infantil como uma possibilidade metodológica de ensino e aprendizagem. A literatura infantil não só desenvolve a capacidade de compreensão, como também valoriza a linguagem infantil e se aproxima de seu mundo, trabalhando com a imaginação. Por meio de levantamentos bibliográficos, pode-se concluir como a literatura infantil pode contribuir com a aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista que por meio da imaginação, ela faz com que a criança crie cenários e imaginações do real fazendo ligações diretas com o seu mundo e criando novas geografias.

Buscando exemplificar como esta relação entre a geografia e a literatura infantil pode funcionar na prática, este trabalho apresentou alguns exemplos de obras de literaturas infantis que podem potencializar o ensino de diferentes conceitos de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. “O menino que colecionava lugares”, “Abrapracabra!”, “A cidade dos bichos” e “Flávia e o bolo de chocolate” são exemplos de histórias a serem geograficamente exploradas. Nelas encontramos narrativas muito diferentes entre si, mas com uma característica em comum, janelas para explorar geograficamente o mundo.

Em um último momento, foi apresentada a história intitulada “O lugar de Catarina”, uma literatura infantil voltada para o ensino do conceito de lugar nos anos iniciais do ensino fundamental. A história, que gira em torno dos desenhos de Catarina, foi criada para esta pesquisa e buscou ser um caminho para trabalhar o conceito de lugar. Por meio de seus desenhos, Catarina buscava representar o lugar do qual pertencia, ao perder seu caderno compreendeu que os lugares ali representados ainda existiam em seus sentimentos e que poderia revisita-los e experimenta-los novamente, caso se esquecesse. Por meio desta obra, buscou-se trabalhar com conceitos fundamentados em todo o andamento deste trabalho, desde a importância do ensino de geografia nos anos iniciais, passando pelo sentido que conceito de lugar nesta fase escolar, finalizando com a importante possibilidade metodológica de ensino e aprendizagem que pode ser a literatura infantil.

Por meio desta pesquisa, se exemplificou como é possível trabalhar com literaturas infantis dentro das aulas de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como, a contribuição pedagógica que estas podem vir a trazer para a sala de aula. A literatura, não só aumenta o repertório intelectual infantil, mas também possibilita que se aproxime da linguagem das crianças, além do trabalho com a imaginação, que nesta fase é tão presente. Buscar metodologias que se aproximem do mundo infantil, é buscar meios de fazer um ensino real, que vai além da leitura de códigos e números, possibilita ler nas entrelinhas e a ampliação do repertório de leitura e escrita.

O ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, tem como seu principal objetivo ensinar a ler o mundo. Para isso, é necessário compreender o mundo do qual a criança está inserida e trabalhar com o que a ela faz sentido. E, nesta fase da escolarização, é fundamental a aprendizagem de conceitos geográficos centrais como o de lugar, espaço, território, paisagem e região para que as crianças se apropriem e construam suas identidades, compreendendo que pertencem a um mundo e que eles constroem e fazem parte. Buscou-se então, nas literaturas infantis, trazer a discussão de uma metodologia que ajude nesta construção e que, por meio dela, permita que as crianças se compreendam e possam se expressar sobre e no espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosangela Doin. Ensinar geografia para quem vive num outro mundo. In: **Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Nº 5. *Anais*: Belo Horizonte, PUC/MG, 1999.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

BERALDI, Francielle Bonfim. **Geografia e a literatura infantil: a construção da linguagem geográfica através de textos literários nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2010.

BERALDI, Francielle Bonfim. FERRAZ, Cláudio Benito de Oliveira. **Diálogo necessário entre a geografia e a literatura infantil nas séries iniciais do ensino fundamental**. Para onde?!, Volume 6, Número 2, p.188-187, jul.-dez. 2012. Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

BERBART, Marcio da Costa; GUIMARÃES, Humberto Goulart; TORRES, Daiane Magalhães Moreira. Atravessando Saberes: a geograficidade da infância nos anos iniciais da Educação Básica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas**, v.6, n.11, p222-236, Jan/Jun , 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf.

BOSCOLO, Dulcineia. **O desenvolvimento profissional do professor: o conceito geográfico de lugar**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

CALLAI, Helena Copetti; CALLAI, Jaeme Luiz. Grupo, Espaço e Tempo nas Séries Iniciais. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C; CALLAI, Helena C.; SCHAFFER, Neiva O.; KAERCHER, Nestor A. **Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio. (Org.) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 3ª Edição, 2003.

CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria de. Literatura e Geografia em uma proposta interdisciplinar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tania Regina Dias Silva (Orgs.). **(Geo) grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. Curitiba, PR: CRV, 2013. Cap. 8, p. 133-152.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

CORRÊA, Roberto L. **Região e organização espacial**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COSTELLA, Roselane Zordan; SCHAFFER, Naiva Otero. **A geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GODOI, Maria do Carmo. **A construção do pensamento geográfico nos anos iniciais a partir do conceito de lugar**. Universidade Federal de Goiás. Centro de

Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica. Goiânia, 2019.

GODOY, Arilda Schimidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29. Mai/Jun. 1995.

JANER, Jader. **O menino que colecionava lugares**. Ilustrações: Rodi Núñez – 2ed. – Porto Alegre : Mediação, 2016.

KAERCHER, Nestor André et al. A Geografia no ensino médio. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. et al. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2003.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LESANN, Janine. **Geografia no ensino fundamental I**. Belo horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

LOPES, Jader Janer Moreira. O menino de colecionava lugares. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (Org.). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014. Cap. 7, p. 99-108.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. O uso da literatura infantil no ensino de geografia nos anos iniciais – **Revista Geo UERJ**, n.27, p.64-79. Rio de Janeiro, 2015.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MUSTAFÉ, Diego Nascimento. **O ensino de geografia do ensino fundamental (anos iniciais e anos finais): a escala geográfica e o conceito de lugar com vistas à formação cidadã do aluno**. Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudos Socioambientais. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Goiânia/GO ; 2019.

NASCIMENTO, Lisângela Kati do. **O lugar no ensino de Geografia: um estudo em escolas públicas do Vale do Ribeira - SP**. Universidade do Estado de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. São Paulo, 2012.

PAIM, Jame Mari. **Da sedução do professor pela literatura à sedução do aluno**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

PAULINO, Regina Vicente da Silva. **A importância da literatura infantil na sala de aula**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira – UEPB, 2012.

PIRES, Lucineide Mendes; ALVES, Adriana Olivia. Revisitando os conceitos geográficos e sua abordagem no ensino. In: SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes (orgs). **Desafios da didática de Geografia**. Goiania: Ed. Da PUC Goiás, p.235-254, 2014.

SILVA, Luana Maria Xavier. **A construção de mapas mentais a partir de histórias infantis: uma proposta de aprendizagem para a Geografia dos anos iniciais**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 7, n. 14,. 268-285, jul./dez., 2017.

SILVA, Tânia Paula; SILVA, Laura Regina. **O ensino da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: reflexões sobre formação e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 8, n. 15, . 242-265, jan./jun., 2018.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1996.

SANTOS, Laudenides Pontes dos. **O estudo do lugar no ensino de Geografia: os espaços cotidianos na geografia escolas**. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Geociências e ciências exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Rio Claro, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, Luziana Carvalho dos; SILVA, Glória Maria de Oliveira; FONTES, Tereza G. N. Torezani. A literatura como recurso no ensino de geografia: 7º ano do ensino fundamental. In: TRINDADE, Gilmar Alves (Org.) [et al]. **Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas para a sala de aula**. Ilhéus, BA: Editus: 2017.

SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **O diálogo entre Geografia e literatura: a representação de Goiânia na obra viver é devagar**. Revista Eletrônica Ateliê Geográfico. Goiânia – GO. V.2., n.3. Dez/2008. P.89-120.

SUESS, Rodrigo Capelle; CARVALHO SOBRINHO, Hugo; ALMEIDA, Suelen Alonso. Abordagem e perspectiva do conceito de lugar em livros didáticos de Geografia do 6º ano do ensino fundamental. In: **Anais do EDIP – Encontro Estadual de Didática e práticas de ensino**, 5, 2013. Goiânia, UFG, 2013.

SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa; ESTUDAR O LUGAR PARA COMPREENDER A SI MESMO E O MUNDO: análise de uma experiência pedagógica em Geografia desenvolvida com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v.6, n.12, p 74-98, jul./dez., 2016.

THEVES, Denise Wildner. **Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne: Geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos**. 2018. 237 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VILELA, Fernando. **Abrapracabra!** São Paulo, Brinque Book, 2012.

ANEXOS

ANEXO 1 – O lugar de Catarina - https://drive.google.com/file/d/1CB3Zvx6Zt75zMc8i7h6j54GK_8WfniBo/view?usp=sharing

Anexo 2 – O lugar de Catarina, vídeo narrado. - https://youtu.be/da8-_0DVadc